

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

YURY MACHADO DE MOURA

OUTSIDERS, CRISE ECONÔMICA E DESAPREÇO PELA DEMOCRACIA:
IDENTIFICANDO E ANALISANDO CANDIDATOS OUTSIDERS EM ELEIÇÕES
PRESIDENCIAIS LATINO-AMERICANAS NOS ANOS 2010

BRASÍLIA

2022

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

OUTSIDERS, CRISE ECONÔMICA E DESAPREÇO PELA DEMOCRACIA:
IDENTIFICANDO E ANALISANDO CANDIDATOS OUTSIDERS EM ELEIÇÕES
PRESIDENCIAIS LATINO-AMERICANAS NOS ANOS 2010

YURY MACHADO DE MOURA

Dissertação apresentada ao Instituto de
Ciência Política da Universidade de
Brasília como pré-requisito para a
obtenção do título de Mestre em Ciência
Política.

Orientador: Prof. Dr. Frederico
Bertholini.

BRASÍLIA
2022

SUMÁRIO

1 Introdução	p. 1
2 Identificando Outsiders: um desafio metodológico	p. 3
2.1 Introdução	p. 3
2.2 A definição de outsider	p. 4
2.3 Outsiders na América Latina	p. 8
2.4 Metodologia	p. 11
2.5 Identificando os candidatos <i>outsiders</i> em eleições presidenciais latino-americanas de 2010 a 2019	p. 16
2.6 Conclusão	p. 35
Referências	p. 37
3 Voto econômico, despreço pela democracia e <i>outsiders</i>: os efeitos da insatisfação com a economia e com a democracia no voto para presidente na América Latina	p. 46
3.1 Introdução	p. 46
3.2 Voto econômico, avaliação da democracia e outsiders	p. 47
3.3 Enquadramento teórico	p. 51
2.4 Desenho de pesquisa e dados	p. 56
3.5 Resultados	p. 60
3.6 Conclusão	p. 64
Referências	p. 66
4 Conclusão	p. 74

CAPÍTULO 1

Introdução

A América Latina tem sido uma região amplamente abordada nos estudos sobre *outsiders* devido ao seu extenso histórico com esse tipo de político, em especial, sua experiência com presidentes populistas entre as décadas de 30 e 60 e no final do século XX e início dos anos 2000 (BUNKER, 2013). Esses candidatos, em sua maioria, eram líderes que ascenderam ao poder sem fazer parte do *establishment* partidário de suas nações, sendo classificados geralmente como *outsiders*. Já na segunda década do século XXI, é possível notar que, novamente, candidatos classificados como *outsiders* começam a ter mais espaço em eleições latino-americanas, particularmente em relação às disputas presidenciais, ao considerarmos as vitórias com altas porcentagens de votos de candidatos como López Obrador, Nayib Bukele e Jair Bolsonaro, que são candidatos que não tinham carreiras proeminentes na política e competiam por partidos pequenos e sem competitividade nas disputas pela presidência de seus países. A partir dessa movimentação, podemos questionar se, novamente, esse tipo político, que a literatura classifica como *outsider*, está ascendendo nas eleições presidenciais latino-americanas e, se esse for o caso, indagar também quais são os fatores que promovem esse fenômeno.

Visando sanar essas questões, apresento dois artigos que constroem um panorama mais preciso sobre a performance de candidatos *outsiders* nas eleições presidenciais dos anos 2010 na América Latina e a relação deles com o eleitorado, mais precisamente, tratando de quais fatores podem estar impulsionando o voto para esse tipo de político. Os artigos estão intimamente interligados, tendo em vista que, o banco de dados criado no primeiro, é utilizado para operacionalizar a variável dependente usada nas análises estatísticas do segundo.

O primeiro estudo, intitulado “Identificando Outsiders na América Latina: um desafio metodológico”, apresenta as definições mais recentes e completas dos, identifica quais foram os candidatos *outsiders* competitivos (que arrematam mais 5% dos votos) que disputaram eleições presidenciais entre os anos 2010 e 2019 e oferece alguns *insights* sobre a performance desses candidatos durante esse período. A principal contribuição dessa pesquisa são os parâmetros criados nela para a categorização desse tipo de político, que, através de algumas medidas que a literatura já oferecia, podem ser usados em outros trabalhos que busquem analisar fenômenos que tenham políticos e partidos *outsiders* como objeto, especialmente pesquisas de comportamento eleitoral que usam voto para candidatos ou tipos

de candidatos como variável dependente, tendo em vista que, um dos maiores desafios a ser enfrentado nas análises desses políticos é encontrar medidas para operacionalizar sua categorização. Além disso, podemos identificar possíveis tendências após a categorização dos *outsiders* que disputavam eleições nesse período, como o aumento da média de votos para *outsiders* após 2013, que coincide com uma onda de protestos contra o governo em países como Brasil, Argentina e Chile, e com as vitórias de candidatos classificados como *outsiders* nessa análise, como Macri, Bolsonaro, López Obrador e Bukele.

Já o segundo artigo, chamado de “Voto econômico, despreço pela democracia e *outsiders*: os efeitos da insatisfação com a economia e a democracia no voto para presidente na América Latina”, tem uma abordagem e objetivos bastante diferentes, focando nos fatores explicativos do voto para *outsiders* na América Latina nesse período, mais precisamente, na relação entre a crise econômica iniciada em 2008 e o decréscimo da preferência pela democracia, e no efeito que esses dois fenômenos podem ter no voto para *outsiders*. Para isso, é utilizado o banco de dados criado no primeiro artigo, contendo os candidatos *outsiders* competitivos do período observado, na operacionalização da nossa variável dependente. Em seguida, são usados os dados do LAPOP para a formulação de nossas variáveis de explicativas, a insatisfação com a economia e com a democracia.

Constatamos que existe uma mediação da avaliação da economia sobre a avaliação da democracia que aumenta as chances de voto para *outsiders*, mesmo que de maneira superficial. Além disso, o sentimento de piora da economia por si só, se mostra bastante significativo e influente sobre o voto para esses candidatos. Já o despreço pela democracia, de forma geral, não apresenta um efeito forte no aumento das chances de voto para os *outsiders*, porém ele existe e é estatisticamente significativo.

Esta pesquisa dos *outsiders* nas eleições presidenciais da América Latina nos anos 2010, observando os principais fatores explicativos para o voto nesse tipo de candidato. No próximo capítulo é apresentado o artigo “Identificando Outsiders na América Latina: um desafio metodológico”, tendo em vista que ele fornece as ferramentas para a execução do segundo, “Voto econômico, crise de representatividade e *outsiders*: os efeitos da insatisfação com a economia e a democracia no voto para presidente na América Latina”. Por fim, será apresentada uma conclusão geral, ressaltando os principais resultados dos dois trabalhos, as dificuldades na realização da pesquisa e alguns dos possíveis caminhos a serem trilhados em trabalhos futuros.

CAPÍTULO 2: Identificando Outsiders na América Latina: um desafio metodológico

2.1 Introdução

A Ciência Política tem analisado políticos *outsiders* por décadas, discutindo definições para o conceito e abordando diferentes aspectos dele, desde as condições institucionais para que esses atores políticos sejam competitivos em eleições (KENNEY, 1998; CARRERAS, 2012), até os cenários políticos e econômicos que levam os eleitores a buscarem alternativas fora do *establishment* político (BENTON, 2005; ROBERTS, 2007). Todavia, apesar de o conceito de *outsider* ter se tornado cada vez mais claro e estar sendo usado com frequência em diversas áreas da Ciência Política (BARR, 2009), a literatura ainda não oferece indicadores precisos para a identificação desses políticos. A ausência desses critérios de classificação nos trabalhos da área dificulta sua observação em análises que tem em seu cerne esses atores políticos. Isso é mais facilmente visível em estudos como este, que tem como objetivo a identificação de candidatos *outsiders*, bem como em trabalhos que os tem como variável dependente. Isso ocorre porque esses trabalhos partem de um conceito bem definido, porém, abstrato, o que pode gerar dificuldades metodológicas devido à falta de uma ligação concreta e bem definida entre conceito e realidade empírica, contendo indicadores que possam diferir *outsiders* de outros políticos.

Apesar disso, os *outsiders* são frequentemente objeto de estudos teóricos e empíricos, especialmente em regiões com experiências com líderes populistas (que são *outsiders* quanto a seu posicionamento em relação ao sistema partidário), como a América Latina. Entre as décadas de 30 e 60 e no final do século XX e início dos anos 2000, a região teve diversos presidentes denominados populistas e, por conta disso, tem sido usada para a análise de candidatos à presidência *outsiders* (BUNKER, 2013). De forma semelhante ao observado nesses períodos, nos anos 2010 podemos observar vitórias com altas porcentagens de votos de candidatos que não tinham carreiras proeminentes na política e competiam por partidos pequenos e sem competitividade nas disputas pela presidência de países da região, como López Obrador, Nayib Bukele e Jair Bolsonaro.

Devido às semelhanças no cenário político e econômico entre esses períodos, cabe à Ciência Política analisar se há uma nova ascensão de políticos *outsiders* na região durante esse período. Para tanto, este artigo dedica-se a compreender melhor esse cenário, partindo da identificação dos candidatos *outsiders* competitivos (que conquistam mais 5% dos votos) em eleições presidenciais latino-americanas nesse período. O objetivo aqui é, primeiramente,

desenvolver indicadores que permitam a classificação de *outsiders* e *insiders*, para que depois disso seja possível descrever quais foram os candidatos de cada eleição presidencial dos anos 2010 das 17 nações que observamos, e, se possível, identificar prováveis tendências. Neste sentido, a próxima seção será dedicada a estabelecer os parâmetros necessários para a identificação de um *outsider*, trazendo à luz as principais definições existentes na literatura e selecionando as características mais eficientes para a definir um candidato como *outsider* ou *insider*. Em seguida é discutido o histórico das nações latinoamericanas com políticos *outsiders*. A terceira seção busca evidenciar as semelhanças dos cenários políticos e econômicos entre as experiências passadas da região com *outsiders* e o contexto dos anos 2010. Após essas discussões teóricas, estabelecemos a metodologia usada para a definição dos indicadores para a classificação dos *outsiders*, para que, em seguida, sejam apresentados quais foram os candidatos *outsiders* e *insiders* das eleições presidenciais latino-americanas dos anos 2010. Por fim, temos uma seção em que são discutidas singularidades dos países quanto ao número de *outsiders* em suas eleições e a porcentagem média de votos para esses candidatos, bem como a apresentação das dificuldades na realização dessa pesquisa e os caminhos necessários a serem percorridos em próximos estudos.

2.2 A definição de outsider

O primeiro passo para a conceitualização dos *outsiders* é compreender como ele se diferencia e se relaciona com o conceito de políticos populistas e *anti-establishment*. Tendo em vista que a relação entre políticos e cidadãos ocorre sempre com algum grau de conflito, sendo bastante comum ter parte do eleitorado descontente com a classe política, alguns partidos e candidatos acham vantajoso cultivar essa insatisfação para atender os próprios interesses políticos (CARRERAS, 2012). Esses partidos e candidatos são conhecidos como *anti-establishment*. Ao analisar as estratégias simbólicas de partidos *anti-establishment*, Schedler (1996) argumenta que esses partidos constroem uma narrativa com duas clivagens específicas, contrapondo a elite política formada, pelos partidos centrais do sistema partidário, contra os cidadãos e contra eles mesmos. Nesse sentido, a retórica *anti-establishment* é formada por três atores políticos com seus respectivos papéis: a elite do sistema partidário, como os vilões, incompetente, amoral e desonesta; os cidadãos, como as vítimas; e os *outsiders*, como os heróis, vindos do povo, com promessas de consertar o sistema e ser uma ponte entre a esquerda e a direita (SCHEDLER, 1996). Logo, o posicionamento desses partidos e candidatos é sempre antagonista em relação aos partidos centrais do sistema

político, buscando assumir lados contrários ao *establishment* em questões importantes, como a economia, trabalho e o papel do Estado (KENNEY, 1998).

Assim, podemos perceber a caracterização de um ator político *anti-establishment* parte de seu discurso político, especificamente, de uma retórica antagonista em relação ao sistema partidário. Usando esse mesmo parâmetro, Barr (2009) analisa a diferença entre políticos populistas, *anti-establishment* e *outsiders*, usando três fatores específicos: a retórica usada para a construção do apoio popular, a localização do ator político em relação ao sistema partidário e as conexões entre os cidadãos e os políticos. Da mesma forma que Schedler, Barr identifica que atores políticos *anti-establishment* usam da insatisfação dos indivíduos com a política para construir uma narrativa de nós contra eles, em que esses partidos ou candidatos se colocam como parte do povo e contra uma elite que possui o poder (BARR, 2009). Além disso, Barr (2009) também aponta que eles usam questões específicas do contexto político para se contrapor ou criticar os partidos do *establishment*, citando a era dourada do populismo na América Latina como exemplo, já que nessa época a oposição era contra as elites econômicas, ao passo que os populistas do final do século XX, focaram suas críticas na elite política (BARR, 2009).

Já em relação aos *outsiders*, Kenney (1998) e Barr (2009) consideram que sua característica central é a localização do ator em relação ao *establishment* político, observando o comportamento e as experiências do candidato ou partido com o sistema partidário. Nessa lógica, Barr (2009) considera que os *outsiders* são aqueles candidatos que conquistaram proeminência política sem ajuda ou qualquer relação com os partidos tradicionais e competitivos do sistema, mas como um candidato independente ou por meio da associação com um novo partido ou partido que só se tornou competitivo recentemente (BARR, 2009). Nessa lógica, é possível notar duas dimensões para a classificação dos candidatos *outsiders*: um pessoal, que diz respeito a sua carreira política, e uma partidária, que trata da sua relação com partidos não competitivos ou competitivos.

Ademais, Barr trata de um último fator usado na diferenciação entre populistas, *outsiders* e políticos *anti-establishment*: o tipo de conexão entre eles e os cidadãos. Essa conexão diz respeito aos meios que os atores políticos e o eleitorado trocam apoio e influência (BARR, 2009), podendo ocorrer de quatro formas: clientelista, diretiva, participatória e eleitoral. A forma que tem importância para esta discussão é a eleitoral, mais especificamente, uma variação dela chamada de plebiscitarianismo, em que o governante eleito é tratado como se representasse a vontade do povo, sem a necessidade de participação dos partidos (BARR, 2009). Essa é a conexão que o político populista tem com o povo, de modo que a definição de

populista para Barr é de um político *outsider*, que utiliza uma retórica *anti-establishment* e se relaciona com o eleitorado através do plebiscitarianismo (BARR, 2009).

O Quadro 1 resume a definição de cada um desses 3 conceitos, ressaltando os principais fatores dos quais dependem.

Quadro 1: Definição de *outsider*, *anti-establishment* e populista.

Conceito	Definição
<i>Outsider</i>	O conceito de <i>outsider</i> depende exclusivamente da posição do político ou partido em relação ao sistema partidário do país, de modo que, aqueles que fazem parte do grupo formado pelos principais partidos do sistema são <i>insiders</i> e aqueles que não fazem parte são <i>outsiders</i> .
<i>Anti-establishment</i>	O conceito de <i>anti-establishment</i> trata especificamente da retórica utilizada pelo partido ou político para mobilizar seus eleitores, de tal forma que, aqueles que baseiam seus discursos em uma lógica antagonista em relação ao <i>establishment</i> político, são classificados como <i>anti-establishment</i> .
Populista	O conceito de populista depende de 3 fatores: ele precisa ser um <i>outsider</i> em relação ao seu posicionamento dentro do sistema partidário; necessita utilizar uma retórica <i>anti-establishment</i> para mobilizar seus eleitores; e tem que se relacionar com seus eleitores através do plebiscitarianismo, sendo tratado como a manifestação direta da vontade do povo.

Os fatores criados por Barr são um dos mais utilizados na literatura (DOYLE, 2011; CARRERAS, 2012, 2014; BUNKER, 2013; BUISSERET, 2019; KARAKAS, 2020; HANSEN, 2021), entretanto, além da diferenciação entre atores políticos *outsiders*, *anti-establishment* e populistas, também há diferenças entre tipos de *outsiders*. Partindo dos pressupostos de Kenney (1998) e Barr (2009), Carreras (2012) define de forma um pouco mais precisa os *outsiders*, os classificando como candidatos que, na dimensão pessoal, não possuem carreiras na política ou na administração pública no início de sua campanha e, na dimensão partidária, aqueles que participam de forma independente ou com associação com partidos novos. Entretanto, através dessas duas dimensões, o autor divide os *outsiders* em três níveis: os “*full outsiders*”, que na dimensão pessoa, são candidatos sem carreira política

prévia e, na dimensão partidária, disputam com partidos novos ou de forma independente; “*mavericks*” (ou “dissidentes” em tradução para o português), possuem carreiras em partidos tradicionais, mas entram na disputa eleitoral em um partido criado recentemente, de modo que na perspectiva *peçoal*, são insiders, mas na partidária seriam *outsiders*; e “amateurs” (ou “amadores” em tradução para o português), que são os candidatos sem carreira política prévia, mas entram na disputa através de partidos que fazem parte do *establishment*, podendo ser considerados *outsiders* no âmbito pessoal, não no âmbito partidário (CARRERAS, 2012). Logo, percebe-se que, na concepção de Carreras, os candidatos verdadeiramente *outsiders* são aqueles que estão de fora do *establishment* político tanto na dimensão pessoal, quanto na dimensão partidária estabelecida por Barr (2009).

O Quadro 1 apresenta um resumo das contribuições e definições dos principais autores tratados até aqui. Nele podemos notar que houve uma significativa melhora na precisão do conceito de *outsider*, demonstrando que os trabalhos atuais o tratam como uma classificação de atores políticos com respeito a sua posição no sistema político, mais precisamente, *outsiders* são aqueles que estão situados de fora do grupo formado pelos principais partidos de um dado sistema partidário, de modo que, na dimensão partidária, isso está relacionado a competitividade do partido em disputas pela presidência, e na dimensão pessoal, está relacionado a experiência do candidato na política. Além disso, essa caracterização mais precisa nos ajuda a ter mais clareza quanto a diferença do conceito de *outsider* em relação a outros conceitos, como o de *anti-establishment* e populista, possibilitando também compreender como esses conceitos se relacionam.

Quadro 2: Resumo das principais contribuições da literatura sobre *outsiders*

Autor	Contribuição para o conceito de <i>outsider</i>
Schedler (1996)	Dentro da retórica <i>anti-establishment</i> , os <i>outsiders</i> são definidos como os heróis, vindos do povo, com promessas de consertar o sistema.
Kenney (1998)	Partidos e candidatos <i>outsiders</i> sempre têm uma posição antagônica em relação aos partidos centrais do sistema político, buscando assumir lados contrários ao <i>establishment</i> em questões importantes, como a economia, trabalho e o papel do Estado.

Barr (2009)	<i>Outsiders</i> são aqueles candidatos que conquistaram proeminência política sem ajuda ou qualquer relação com os partidos tradicionais e competitivos do sistema, mas como um candidato independente ou por meio da associação com um novo partido ou partido que só se tornou competitivo recentemente.
Carreras (2012)	<i>Outsider</i> é um político sem carreira prévia na política que se candidata através de partidos não competitivos ou que se tornaram competitivos a pouco tempo. Além disso, a definição de Carreras para “sem carreira política”, engloba aqueles candidatos que disputaram por até 2 vezes eleições presidenciais, conquistando acima 5% dos votos nas eleições participadas.
Bunker (2013)	Na América Latina, <i>outsiders</i> são candidatos de terceira via (<i>third-party candidates</i>) ou candidatos independentes (sem partido), que disputam o pleito através de partidos fundados recentemente e não competitivos ou partidos de longa data que não têm competitividade ainda.

Entretanto, mesmo com esses importantes avanços na definição de *outsider*, a literatura ainda carece de parâmetros para operacionalizar o conceito. As definições de *outsider*, como vimos até aqui, dependem de características pessoais, como carreira política, e da relação do candidato com os partidos do sistema partidário, que, apesar de úteis, não são definidas com exatidão pelos trabalhos que tratam da conceituação dos *outsiders* (SCHEDLER, 1996; KENNEY, 1998; BARR, 2009; DOYLE, 2011) e nem por aqueles que usam o termo no centro de suas análises (BUNKER, 2013; BUISSERET E WEELDEN, 2019; KARAKAS E MITRA; 2020; HANSEN E TREUL, 2021).

Após conhecermos as definições da literatura para os *outsiders*, como o conceito se diferencia e se relaciona com os atores políticos *anti-establishment* e os populistas, a próxima seção discutirá o histórico da América Latina com políticos *outsiders*, apresentando as principais análises da literatura feitas na área e evidenciando o porquê essa região apresenta períodos em que esse tipo político tem mais sucesso nas disputas presidenciais.

2.3 Outsiders na América Latina

Diferentes aspectos da ascensão de partidos e candidatos *outsiders* têm sido estudados nas últimas décadas, desde as condições institucionais para ele se manifestar (KENNEY, 1998; CARRERAS, 2012)), até os cenários políticos e econômicos que levam os eleitores a buscarem alternativas fora do *establishment* político (BENTON, 2005; ROBERTS, 2007). Além disso, como vimos na seção anterior, o desenvolvimento da área nas últimas décadas nos proporcionou definições conceituais que nos ajudam a identificar quem são os partidos e atores políticos que podem ser classificados como *outsiders*, especialmente nas nações latino-americanas.

Esses avanços têm se tornado importantes à medida que se observa um avanço de políticos que são, frequentemente, categorizados como *outsiders* durante os anos 2010 na América Latina, algo que a região já experienciado entre os anos 30 e 60 e novamente no final do século XX e início dos anos 2000. Particularmente em relação às disputas presidenciais, observa-se um desempenho significativo de candidatos classificados como *outsiders* ao longo dos anos 2010, que, em alguns casos, colocaram fim aos *establishments* políticos instituídos pelo sucesso de partidos de esquerda durante os anos 90 e começo dos anos 2000, impulsionados por fracassos econômicos das reformas realizadas pelos governos incumbentes nas últimas décadas do século XX (SINGER, 2013) e pela desilusão com as expectativas criadas sobre o regime democrático durante o período de redemocratização (BENTON, 2005; ROBERTS, 2007; CARRERAS, 2012).

A relação dos países latino-americanos com candidatos *outsiders* é extensa, particularmente por conta do histórico da região com presidentes populistas. Essas duas categorias de políticos, populista e *outsider*, apesar de terem sido usadas de forma análoga durante algum tempo, estão intimamente conectadas, tendo em vista que populistas, por definição, são *outsiders* por conta de sua posição no sistema político (BARR, 2009), e é devida a essa similaridade que a experiência latino-americana com os *outsiders* se dá, tendo em vista que o período de 1930 e 1960 é visto como a era dourada do populismo na região (BUNKER, 2013), tendo presidentes populistas como Getúlio Vargas, no Brasil, Lázaro Cárdenas, no México e o movimento peronista liderado por Juan Perón, na Argentina (WEYLAND, 2001). Segundo Remmer (2012), o fenômeno populista desse período foi causado pela crise de 1929 - ou Grande Depressão -, que se estendeu pela América Latina e pelo mundo nos anos 30.

Já no final do século XX, a literatura sobre comportamento eleitoral latino-americano evidencia que mais uma vez a insatisfação popular com os partidos que compunham os *establishments* políticos teve um papel importante no visível sucesso de candidatos *outsiders* durante esse período (ROBERTS, 2007). Remmer (2012) também associa um elevado número de políticos populistas assumindo presidenciais na região aos desafios econômicos vividos nos 80, comumente conhecida como a década perdida, devido à estagnação econômica, retração da produção industrial, altas inflacionárias e aumento das desigualdades sociais em toda a América Latina. O autor aponta que essa segunda onda de populistas foi marcada por presidentes de direita que faziam uso de retóricas *anti-stablishmente* e combinadas com promessas de políticas de curto prazo para a retomada econômica, levando políticos como Alberto Fujimori (Sí Cumple), no Peru, Carlos Menem (Partido Justicialista), na Argentina e Fernando Collor de Mello (Partido Republicano da Ordem Social), no Brasil, a assumirem a presidência de seus países (REMMER, 2012).

Além dos presidentes populistas de direita, o final do século XX também foi marcado por bons desempenhos eleitorais de partidos e políticos de esquerda, mais notavelmente em disputas presidenciais na América Latina. Muitos desses partidos eram oriundos de movimentos populares, tornando-se partidos *outsiders* com retóricas anti-sistema e lançando seus líderes como candidatos à presidência de seus países, dando origem ao fenômeno conhecido como Guinada à Esquerda (ROBERTS, 2007). Os principais casos citados são a vitória do Partido dos Trabalhadores (PT) no Brasil por meio de seu líder, Luiz Inácio “Lula” da Silva, a ascensão de Evo Morales e do Movimento para o Socialismo (MAS) na Bolívia e a chegada do ex militar Hugo Chávez na presidência da Venezuela (BUNKER, 2013).

Em um contexto similar ao ocorrido há poucas décadas, no final do século XX e começo do século XXI, as mudanças observadas nas eleições presidenciais latino-americanas nos anos 2010 também ocorreram após uma crise econômica, ocorrida em 2008 e 2009, e por uma crise política, derivada, em parte, por conta da baixa legitimidade das instituições democráticas (SINGER, 2020). No caso do período dos anos 90 e 2000, parte dessa insatisfação com a democracia estava associada a uma frustração com as altas expectativas geradas em relação ao regime democrático, que, com o passar das décadas, não se concretizaram (BENTON, 2005; ROBERTS, 2007), algo comum à medida em que as democracias envelhecem (CARRERAS, 2012). Segundo Doyle (2011), a insatisfação com as instituições políticas é uma das principais razões que levam os eleitores a buscarem candidatos *outsiders*.

Apesar de o cenário dos 2010 ocorrer após a consolidação de governos eleitos de acordo com as demandas e expectativas criadas pelo eleitorado latino-americano nos anos 90 e 2000, que foram vistos como uma solução para os problemas enfrentados na época e que agora assolam mais uma vez essas nações, a satisfação com as instituições democráticas encontra-se novamente em baixos níveis, algo que foi intensificado devido descontentamento com as políticas de austeridade adotadas pelos governos em resposta à crise financeira de 2008 (FREIDENBERG e CASULLO, 2015) e também por conta dos muitos esquemas de corrupção descobertos durante esse período (BOHN, 2012). No Brasil, por exemplo, a Operação Lava Jato trouxe à luz mecanismos de corrupção que se estendiam por vários países da América Latina e África, envolvendo diversos partidos do *establishment* partidário brasileiro, inclusive o partido da então presidente Dilma Rousseff, o PT, deslegitimando ainda mais esses partidos e levando o eleitorado a procurar alternativas mais extremas nas eleições de 2018 (BORGES, 2021).

Assim, com um contexto novamente favorável para políticos *outsiders*, as eleições latino-americanas nos anos 2010 podem ter sido palco de uma nova ascensão desse tipo de candidato, tendo a vitória de López Obrador (Morena) no México, Nayib Bukele (Nuevas Ideas), em El Salvador e Jair Bolsonaro (Partido Social Liberal), no Brasil como os principais exemplos. Além dessas vitórias, podem haver diversos outros candidatos *outsiders* que, mesmo não tendo ganhado, conquistaram altas porcentagens de votos dos eleitores, algo que também vale a pena ser notado e analisado. Para tanto, a próxima seção será dedicada a estabelecer os indicadores necessários para a categorização dos *outsiders*, possibilitando verificar se os candidatos geralmente chamados de *outsiders* realmente podem ser classificados assim e a identificação de diversos outros no período observado.

2.4 Metodologia

Buscando identificar de maneira mais sistemática os candidatos *outsiders* na América Latina nas disputas presidenciais dos anos 2010, partiremos de alguns dos pressupostos estabelecidos por Barr (2009), Bunker (2013) e Carreras (2012) para definir parâmetros mensuráveis que nos auxiliem a analisar e identificar esse tipo de político. O primeiro parâmetro é uma barreira de 5% de votos conquistados em eleições presidenciais, usada para definir candidatos com chances reais de ganhar eleições com tempo e aqueles que não tem competitividade ao longo do tempo (CARRERAS, 2012). Portanto, esta análise inclui apenas

candidatos, sejam eles *insiders* ou *outsiders*, que conseguem passar por essa barreira de competitividade.

Carreras (2012) considera como um *outsider* aqueles políticos sem carreira prévia na política que se candidatam através de partidos não competitivos ou que se tornaram competitivos a pouco tempo, neste sentido, sua definição de “sem carreira política”, engloba aqueles candidatos que disputaram por até 2 vezes eleições presidenciais, conquistando acima 5% dos votos nas eleições participadas. Seu argumento é que, considerar apenas os candidatos que disputam a eleição pela primeira vez é muito limitante, ao passo que, aqueles que já se encontram no terceiro pleito em diante, conquistando mais 5% de votos, podem ser considerados *insiders*. No entanto, o autor não oferece uma razão específica para considerar candidatos que concorrem a mais de duas eleições consecutivas para presidente como *insiders*. Essa regra limita muito o escopo da análise porque deixa de fora candidatos que nunca ocuparam cargos públicos e competem através de partidos sem competitividade em disputas presidenciais, como é o caso de López Obrador, que conseguiu conquistar a presidência do México, após décadas de disputas entre candidatos do PRI e PAN, quando se candidatou pela terceira vez pelo recém fundado MORENA. Neste sentido, consideramos sensato incluir barreira de 5% para observar candidatos que têm chances realistas de vencer as eleições, mas não vamos considerar o número de pleitos para presidente dos candidatos, tendo em vista que não há razões claras para limitar esse número a 2 ou qualquer outro valor. Logo, julgamos ser mais eficaz analisar a carreira dos candidatos a partir dos cargos políticos que ocupou anteriormente ao pleito pela presidência, especialmente para aqueles que já ocuparam cargos de alta relevância, como ex-presidentes e vice-presidente, governadores, ministros e senadores, por serem posições com maior visibilidade nacional.

Além disso, também teremos como foco para a identificação de *outsiders* os pressupostos de Bunker (2013), que entende que *outsiders* na América Latina geralmente são candidatos de terceira via (*third-party candidates*) ou candidatos independentes (sem partido), que disputam o pleito através de partidos fundados recentemente e não competitivos ou partidos de longa data que não tem competitividade ainda (BUNKER, 2013). Essas características, apesar de terem sido identificadas na região no contexto dos anos 90 e 2000 por Bunker, também podem ser aplicáveis no momento político e econômico que vamos analisar, tendo em vista os casos mais notáveis de vitória de *outsiders* desse período, como o já citado caso de López Obrador e o recém criado MORENA, ou caso de Jair Bolsonaro e seu partido, o PSL, que apesar de fazer parte do sistema partidário brasileiro a mais de duas décadas, não era competitivo em disputas presidenciais até a eleição de 2018.

Em razão disso, é preciso detalhar os quesitos para classificar quais partidos são competitivos e quais não são competitivos ou se tornaram competitivos a pouco tempo. Devido à falta de exatidão nas definições apresentadas até aqui, criamos nossos próprios parâmetros, partindo da barreira estabelecida por Carreras (2012) para observar o número de disputas pela presidência em que os candidatos competiram, mas adaptando para os partidos políticos, os observando a partir de suas performances em eleições presidenciais ao longo do tempo. Isso porque, diferentemente de candidatos, partidos podem disputar e perder eleições para a presidência por muitas décadas, adquirindo poder e influência em outros âmbitos da política (dentro das casas legislativas, por exemplo) com o tempo, o que poderia aumentar seus recursos usados nas campanhas pela presidência, especialmente aqueles que têm candidatos com grande visibilidade nas disputas presidenciais, mesmo sem vencê-las. Logo, partidos que não conseguem atingir 1% dos votos nas eleições presidenciais em mais de duas eleições, serão classificados como não competitivos.

Todavia, é preciso ressaltar que esses parâmetros não definem quem está dentro e fora do *establishment* político como um todo, tendo em vista que muitos partidos são competitivos no âmbito legislativo e em outras esferas da federação, optando por não lançar candidatos para a presidência e participando do governo de outras formas. Nossos parâmetros são usados para observar apenas quais partidos são competitivos e quais não são no âmbito das disputas presidenciais, considerando que nosso objetivo é identificar candidatos *outsiders*, não partidos *outsiders*. Além disso, a literatura não traz definições precisas sobre a delimitação do *establishment*, mas trata do nível de competitividade dos partidos em eleições presidenciais para definir quem são os candidatos *outsiders* e quem são os *insiders*. Assim, o que temos é uma barreira de competitividade, construída pelo fato de que a literatura considera que candidatos *outsiders* disputam eleições através de partidos não competitivos ou que só adquiriram competitividade a pouco tempo (KENNEY, 1998; BARR, 2009; CARRERAS, 2012; BUNKER, 2013).

O Quadro 1 apresenta as características utilizadas para classificar os candidatos como *outsiders* ou *insiders*, usando a barreira de competitividade dos partidos e os critérios para a caracterização das carreiras dos candidatos. Ele é dividido em duas dimensões, representadas da seguinte forma: a dimensão partidária está disposta na vertical, categorizando o partido pelo qual o candidato disputa a eleição como competitivo ou não, de acordo com o seu desempenho nas últimas 3 eleições; a dimensão pessoal está disposta horizontalmente e classifica o candidato de acordo com sua trajetória política, dividindo os candidatos entre

aqueles que possuem uma extensa carreira política e aqueles não possuem qualquer carreira na política ou tem que uma carreira com pouca relevância.

Os candidatos considerados *outsiders* serão apenas aqueles que, na dimensão pessoal, não tiverem carreira política ou tiverem uma carreira sem proeminência, e na dimensão partidária, não se candidatarem sob legendas competitivas. Esses critérios são bem próximos dos que definem os *full outsiders*, utilizados no trabalho de Carreras. Ele argumenta que o uso exclusivo de *full outsiders* em sua análise se dá porque diferentes tipos de *outsiders* podem surgir por diferentes razões e em contextos institucionais específicos, o que poderia ser problemático ao incluir todos esses tipos de candidatos dentro de um único modelo estatístico. Nosso modelo não terá esse problema porque usamos apenas as categorias *outsider* e *insider*, sem fazer uma gradação entre elas, tendo em vista que os critérios de definição empregados neste trabalho levam em conta parâmetros além dos propostos, propostos por Carreras, e ainda estabelecem indicadores concretos para a categorização dos candidatos, algo que o autor não apresenta em seu trabalho.

Quadro 1: tipologia dos candidatos à presidência

		Dimensão partidária	
		Competitividade do partido (conseguiu mais de 1% dos votos em mais de duas eleições presidenciais?)	
		Competitivo	Não competitivo
Dimensão pessoal Carreira política	Carreira curta/ sem carreira política	Insider	Outsider
	Carreira extensa	Insider	Insider

Logo, a metodologia aqui empregada busca estabelecer uma relação entre o conceito de *outsider* construído pela literatura e aspectos observáveis das características desse tipo de ator político. O modelo utilizado é baseado nos níveis de conexão entre conceito e observação

de Adcock e Collier (2001), que estabelece quatro níveis dessa relação. O primeiro é o conceito de fundo (*background concept*), que trata dos diversos significados de um conceito. O segundo é a sistematização desse conceito, baseado em uma formulação específica de parte da literatura. Em seguida temos o nível de indicadores, que são as medidas utilizadas para classificação e análise de fenômenos, que envolvem procedimentos sistemáticos para o desenvolvimento de escores e ranks com diversos níveis de complexidade. Por fim, temos escores de casos numéricos ou os resultados de pesquisas qualitativas (ADCOCK e COLLIER, 2001). O Quadro 2 resume os níveis de conexão entre conceito e observação de nosso modelo.

Quadro 2: Níveis de conexão entre conceito e observação do modelo proposto.

Níveis estabelecidos por Adcock e Collier (2001)	Representação no modelo proposto
(1) Conceito de fundo	<i>Outsider</i>
(2) Sistematização do conceito	A partir das análises de Schedler (1996), Kenney (1998), Barr (2009) e Carreras (2012), <i>outsiders</i> podem ser entendidos como uma classificação de atores políticos com respeito a sua posição no sistema político, mais precisamente, são aqueles que estão situados de fora do grupo formado pelos principais partidos de um dado sistema partidário
(3) Indicadores	1. Carreira prévia do candidato: possui carreira na política em cargos com alta visibilidade nacional (ex/vice-presidentes, senadores, ministros, governadores)? 2. Competitividade do partido pelo qual o candidato concorre à eleição: o partido consegue mais 1% dos votos regularmente (em mais de duas eleições)?
(4) Resultados	Identificação dos candidatos <i>outsiders</i> que disputaram as eleições presidenciais na América Latina entre 2010 e 2019.

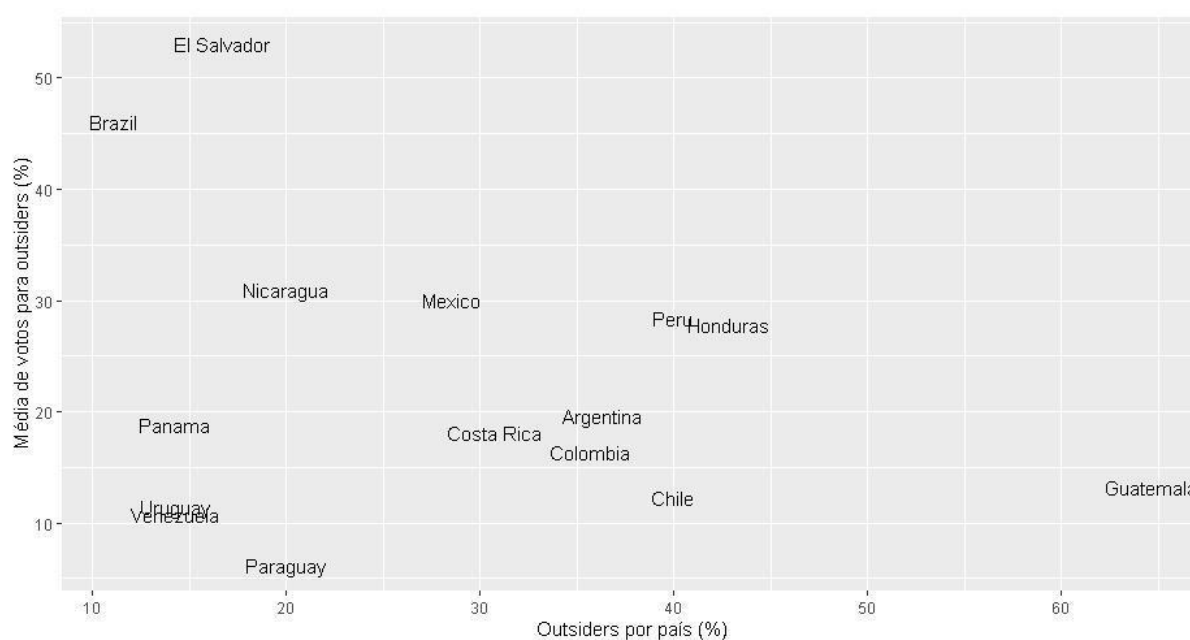
Assim, por meio desses parâmetros, serão observadas as eleições ocorridas entre 2010 e 2019 em 17 repúblicas presidencialistas latino-americanas, sendo elas: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. O banco de dados usado para obter os resultados das eleições foi o PPEG Database, que possui dados de partidos políticos, presidentes, eleições e governos de 72 países ao redor do mundo, criado e divulgado pelo departamento de “Democracia e Democratização” da WZB Berlin Social Science Center. Os únicos dois partidos que não faziam parte do banco foram Argentina e Equador, sendo preciso

coletar os dados sobre as eleições nos sites da Câmara Nacional Eleitoral (*Cámara Nacional Electoral*) da Argentina, e no Conselho Nacional Eleitoral (*Consejo Nacional Electoral*) do Equador. Já os dados relacionados às características dos partidos, como ideologia e ano criação, foram coletados nos sites dos próprios partidos, bem como informações sobre as carreiras dos candidatos. Os sites dos partidos usados como fonte estão descritos no Anexo 1.

2.5 Identificando os candidatos *outsiders* em eleições presidenciais latino-americanas de 2010 a 2019

A partir dos critérios que foram definidos para a identificação dos *outsiders*, esta seção será dedicada a descrever quais foram os candidatos *outsiders* de cada eleição dos países latino-americanos de nossa amostra. Logo a seguir apresentamos o Gráfico 1, com as porcentagens de *outsiders* por país e as médias da porcentagem de votos desses candidatos. No gráfico 2 é destacado a variação da média de porcentagem de votos para *outsiders* através dos anos 2010. Posteriormente é feita uma descrição mais aprofundada dos candidatos de cada eleição do período, detalhando suas carreiras e as performances eleitorais de seus partidos em disputas pela presidência, justificando sua categorização como *outsiders* ou *insiders*.

Gráfico 1: Porcentagem de candidatos outsiders e média da porcentagem de votos de outsiders por país da América Latina entre os anos 2010 e 2019.



Fonte: elaboração do autor a partir dos dados do PPEG 2022.

No Gráfico 1 nota-se que Brasil e El Salvador foram os países que obtiveram as maiores porcentagens de votos para *outsiders*, ao passo que exibiram uma baixa quantidade de candidatos *outsiders* competindo por eleição, 11% e 16%, respectivamente, indicando que em ambos os países, apesar não terem muitos *outsiders* competitivos, aqueles que conseguiram passar por nossa barreira de competitividade arremataram grandes percentuais de voto. É o que podemos observar com as vitórias de Jair Bolsonaro no Brasil em 2018 e Nayib Bukele em El Salvador em 2019, que obtiveram 46% e 53% dos votos em suas respectivas disputas.

Logo abaixo desses partidos temos México e Nicarágua com os maiores médias percentuais de votos para *outsiders*, ambos com 30%. O México teve 28% de seus candidatos à presidência classificados como *outsiders* e em 2018, o outsider López Obrador foi eleito presidente, com 54% dos votos. A Nicarágua, por sua vez, teve apenas 1 candidato *outsider*, Fabio Gardea Matilla, que alcançou 31% dos votos na eleição de 2016. No entanto é preciso salientar que, apesar de estar entre os países que foram observados e ter tido seus candidatos à presidência classificados como *outsiders* e *insiders*, a Nicarágua não é considerada mais uma democracia eleitoral, como tratado anteriormente, tendo em vista que houve uma significativa queda nos índices que avaliam a capacidade de um país de eleger seus representantes, como o V-Dem e o OWID. Logo, os dados que temos não são capazes de avaliar a real competitividade dos partidos e candidatos da nação, tendo em vista que suas eleições não são livres e nem justas.

Quando as nações com baixas médias de votos para candidatos *outsiders*, o Paraguai foi a nação com a menor porcentagem de votos direcionados para eles, com uma média de 6% dos votos indo para esse tipo de candidato. Além disso, ele também está entre os países com o menor número de candidatos sendo categorizados como *outsiders* (20%). A frente do Paraguai temos outros dois países com baixas médias de votos para *outsiders*: o Uruguai e a Venezuela. Ambos os países possuem também baixas porcentagens de candidatos concorrendo como *outsiders*, de modo que o Uruguai tem apenas um candidato nessa categoria, o ex-comandante chefe do exército uruguaio, Guido Manini Ríos, que obteve 11% dos votos em 2019. A Venezuela apresenta índices muito parecidos, tendo apenas Javier Bertucci em 2018 conquistando mais de 5% dos votos e concorrendo como *outsider*. No entanto, como já tratado na seção anterior, a Venezuela já não é considerada uma democracia eleitoral a alguns anos pelos principais índices de qualidade eleitoral, sendo classificada com uma autocracia eleitoral, logo, não podemos considerar que os dados sobre suas eleições são

confiáveis para medirmos a competitividade dos partidos ou a porcentagem de votos dos candidatos, tendo em vista que essas eleições não são consideradas livres e justas.

Partindo para os países com maior quantidade de *outsiders*, a Guatemala possui o maior percentual desses candidatos competindo nas eleições presidenciais da amostra, com 64% dos candidatos sendo caracterizados como *outsiders*. No entanto, a média do percentual de votos desses candidatos é baixa, alcançando apenas 13% dos votos. Na segunda posição, temos Honduras como segundo país com maior número desse tipo de candidato por eleição, com 42% dos candidatos em eleições presidenciais podendo ser classificados como *outsiders*, com uma média de 27% dos votos sendo direcionados para eles. Em seguida temos Chile e Peru com 40% de seus candidatos à presidência como *outsiders*. Entretanto, há uma significativa diferença nas médias de votos para esses candidatos entre essas nações, com o Peru alcançando uma média 28% dos votos sendo atribuídos aos *outsiders* e o Chile 12%.

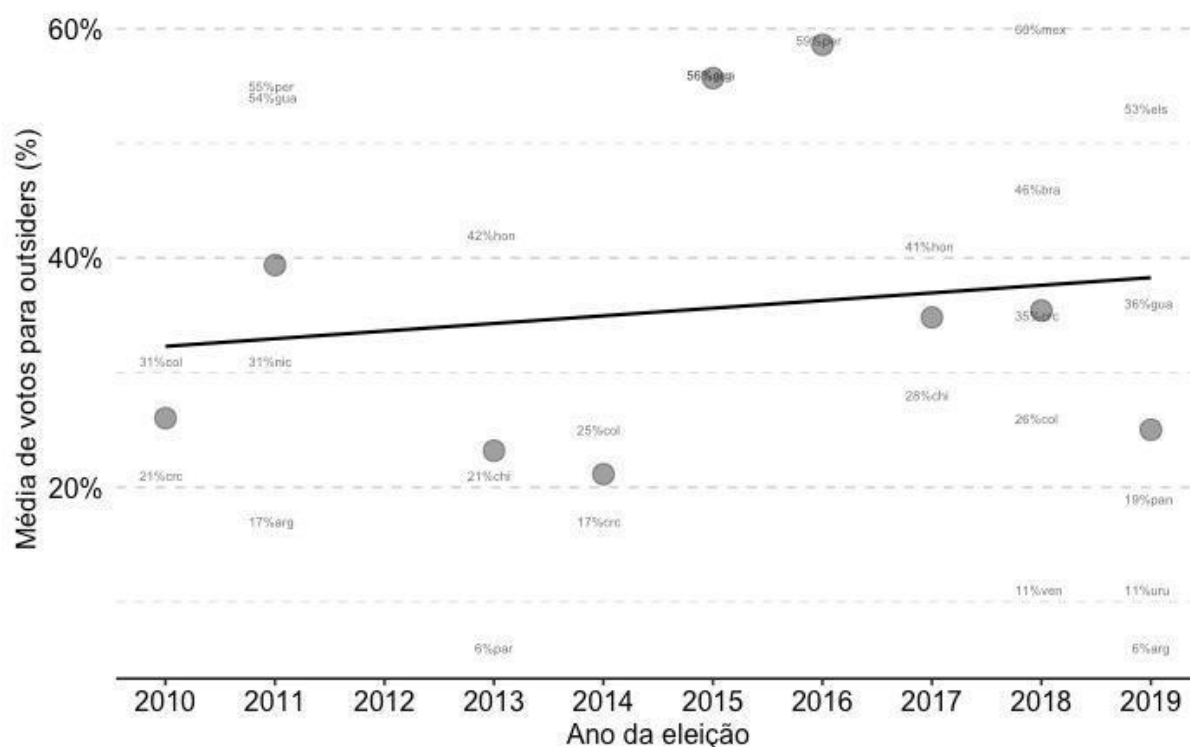
Ademais, a Colômbia, Costa Rica, Argentina e o Panamá foram as nações que não demonstraram nenhuma característica significativa quanto a porcentagem de votos e quantidade de *outsiders* nas disputas presidenciais. A Colômbia teve 35% de seus candidatos classificados como *outsiders*, com uma média 16% dos votos sendo sendo direcionado para estes candidatos. Já a Costa Rica teve 30% de seus candidatos sendo classificados como *outsiders*, com 18% dos votos para presidente atribuídos a eles. A Argentina teve mais de um terço (36%) de seus candidatos à presidência com mais 5% dos votos classificados como *outsiders* e uma média de 19% dos votos sendo direcionados a eles.

Por fim, o Equador e a Bolívia não apresentaram candidatos *outsiders* nas eleições presidenciais do período observado. As disputas pela presidência do Equador de 2013 e 2017 só tiveram candidatos *insiders* com mais de 5% votos, com duas vitórias de candidatos do PAIS: a segunda reeleição de Rafael Correa, com 57% dos votos, em 2013, e a eleição de seu sucessor, Lenín Moreno, com 39% dos votos, em 2017. O mesmo pode ser observado na Bolívia, com duas reeleições de Evo Morales do MAS, tendo obtido 61% dos votos em 2014 e 47% em 2019.

Já o Gráfico 2 mostra a variação da média de porcentagem de votos para *outsiders* nas eleições dos anos 2010. O que mais chama atenção nele é que a média de votos do ano inicial da série é precisamente a mesma do último ano, 17%. Nota-se também que houve uma queda 6% na média de votos para esses candidatos entre as eleições de 2011 (11%) e 2013 (13%). No período seguinte, houve um aumento de 16% da média de votos para *outsiders*, de modo que, em 2016, esse percentual encontrava-se em 29%, o maior valor do período observado. As eleições de 2017 tiveram uma média de 23% votos para *outsiders*, uma queda de 6% em

comparação a 2016. Em 2018 a média da porcentagem de votos volta a subir para esses candidatos, indo para 25%. Por fim, no último ano da década, a média sofreu uma diminuição de 8% e voltou para os 17% observados em 2010.

Gráfico 2: Média da porcentagem de votos para *outsiders* entre 2010 e 2019.



Fonte: elaboração do autor a partir dos dados do PPEG 2022.

Abaixo está a descrição de quais candidatos são *outsiders* e *insiders* de cada disputa de cada um dos 17 países observados, das eleições realizadas entre 2010 e 2019.

Argentina

Começando pela Argentina, na eleição presidencial de 2011, temos 5 candidatos que passam nossa barreira de competitividade, obtendo acima de 5% dos votos. São eles: Cristina Kirchner (PJ), Hermes Binner (PS), Ricardo Alfonsín (UCR), Alberto Rodríguez Saá (EP) e Eduardo Duhalde (PJ). A disputa culminou na reeleição de Kirchner, que arrematou 54% dos votos. Em segundo lugar temos o ex-governador da província de Santa Fe, Hermes Binner, com 16% dos votos. Binner pode ser considerado um *outsider* tendo em vista que veio de um

partido que não tinha competitividade nas disputas presidenciais e foi seu primeiro pleito na disputa presidencial. Alberto Rodríguez Saá já havia se candidatado à presidência pelo PJ anteriormente, mas disputou esta eleição por partido fundado apenas 3 anos antes do pleito, no entanto, é outro candidato que pode ser considerado com um *insider*, tendo em vista que já havia servido como senador por dois mandatos antes da eleição. Os outros dois candidatos, Ricardo Alfonsín e Eduardo Duhalde e a presidente eleita, Kirchner, são *insiders*, tanto por conta de suas carreiras políticas prévias, quanto pela competitividade de seus partidos, o PJ e o UCR, que são partidos tradicionais e competitivos do sistema partidário argentino.

A eleição de 2015 teve apenas 3 candidatos com mais de 5% dos votos, Maurício Macri (PRO), com 34%, Daniel Scioli (PJ), com 37% e Sergio Massa (FR), com 21%. Nessa disputa temos Macri e Massa que disputavam seus primeiros pleitos através de partidos recém fundados e não competitivos. Macri foi o campeão do pleito, disputando por um partido fundado a poucos anos e sem ter tido carreira em cargos com alta relevância nacional, podendo ser considerado um *outsider*. Entretanto é um caso complicado e demonstra que existem limitações em nossos indicadores, tendo em vista que ele foi prefeito da capital do país por dois mandatos. Já Massa possuía alguma carreira política como deputado e ministro, por um dos principais partidos argentinos, o PJ, o que o caracterizaria como um *insider*. Daniel Scioli é outro *insider*, tendo em vista que já havia servido como vice-presidente, governador e deputado e competia também pelo PJ.

Por fim, temos a eleição de 2019, em que Alberto Fernández arrematou 48% dos votos, derrotando o incumbente Macri (40%) e Roberto Lavagna (6%). Por já ter sido presidente, Macri pode ser considerado um *insider*, de acordo com nossos parâmetros. Fernández, apesar de ser seu primeiro pleito, tem uma extensa carreira na política ao lado dos Kirchner, ocupando o cargo de ministro em mais de uma ocasião, tendo Cristina Kirchner como vice e sendo candidato pelo tradicional PJ. Já Lavagna disputou o seu segundo pleito - o primeiro foi em 2007, pelo UNA - como candidato independente, podendo ser considerado um *insider*, porque atuou como ministro da economia no governo de Eduardo Duhalde e Néstor Kirchner.

Tabela 1 - Outsiders nas eleições presidenciais argentinas entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
10/23/2011	Binner, Hermes	outsider	PS	Esquerda	16,81%

10/25/2015	Macri, Mauricio	outsider	PRO	Centro-direita	34,15%
10/25/2015	Massa, Sergio	outsider	FR	Centro	21,39%

Bolívia

Em 2014 a eleição presidencial foi vencida pelo então incumbente Evo Morales (MAS), com 61% dos votos, derrotando Samuel Doria Medina (UN) e Jorge Quiroga (PDC), que receberam 24% e 9% dos votos, respectivamente. Apesar de não ter conseguido vencer nenhum dos 3 pleitos que disputou desde de 2005, Medina disputou pelo mesmo partido, o UN, que arrematou percentuais acima de 5% em todas as disputas, logo, pelo critério de competitividade do partido, não poderia ser considerado um *outsider* em 2011. Nesse sentido, não temos candidatos *outsiders* competitivos nesse ano, tendo em vista que Quiroga possui uma extensa carreira política, tendo sido até presidente, e porque disputou através de um dos partidos mais tradicionais e competitivos do país, o PDC, que já elegeu um presidente e conquista números expressivos de votos em todas as eleições.

Novamente, em 2019, Evo Morales foi reeleito com 47% dos votos, seguido pelo ex-presidente Carlos Mesa (CC) e por Chi Hyun Chung (PDC), com 36% e 8%, respectivamente. Esse foi o primeiro pleito de Chung em qualquer disputa eleitoral, no entanto, mesmo sem ter uma carreira política, não podemos considerá-lo como um *outsider*, tendo em vista que concorreu através de um dos principais partidos bolivianos, o PDC.

Brasil

Na eleição presidencial brasileira de 2010 tivemos 3 candidatos que passaram por nossa barreira de competitividade: Dilma Rousseff (PT), José Serra (PSDB) e Marina Silva (PV), com 46%, 32% e 19% dos votos, respectivamente. Rousseff e José foram candidatos dos dois partidos políticos mais importantes do país na época, sendo os mais votados nas eleições presidenciais e tendo disputado os últimos 4 segundos turnos das eleições, sendo assim *insiders*. Já Marina Silva, mesmo tendo disputado seu primeiro pleito para a presidência por um partido não competitivo, o PV, já havia servido como ministra do meio ambiente, deputada, vereadora e senadora, podendo também ser considerada assim uma *insider*.

Em 2014 temos novamente apenas 3 candidatos para serem categorizados. Rousseff (PT) foi reeleita, tendo recebido 41% dos votos no primeiro turno, seguida por Aécio Neves

(PSDB) com 33% e Silva, agora candidata pelo PSB, com 21%. Silva pode ser considerada uma *insider* aqui também, por conta de sua carreira, mesmo considerando que o partido pelo qual se candidatou, o PSB, não era competitivo no âmbito presidencial, já que não lançava candidatos desde 2002, optando por apoiar formalmente ou informalmente outros partidos, em especial, o PT.

Por fim, a disputa presidencial de 2018 marca o fim das vitórias consecutivas dos dois principais partidos do *establishment* político brasileiro, PT e PSDB. Nessa eleição, os candidatos que passaram por nossa barreira de competitividade foram: Jair Bolsonaro (46%), Fernando Haddad (29%) e Ciro Gomes (12%). Mesmo sendo sua primeira disputa pela presidência, o candidato do PT, Haddad, disputou sob a principal legenda do país, sendo assim classificado como um *insider*. Ciro Gomes também possuía uma notória carreira política, tendo sido deputado, prefeito, governador e ministro da fazenda, além de ter sido um candidato muito competitivo em outras 2 ocasiões (1998 e 2002) e concorrer por um partido tradicional, o PDT. Por fim, Jair Bolsonaro, que foi eleito, possui uma carreira política, mas apenas como deputado, sendo aquela sua primeira candidatura à presidência, feita a partir de um partido sem competitividade, o PSL, podendo assim ser considerado um *outsider*.

Tabela 3 - Outsiders nas eleições presidenciais brasileiras entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
10/07/2018	Bolsonaro, Jair	outsider	PSL	Direita	46,03%

Chile

A disputa eleitoral para presidente de 2013 no Chile teve como principais candidatos Evelyn Matthei (UDI), Marco Enríquez-Ominami (STQCC), Michelle Bachelet (NM) e Franco Parisi (sem partido). Bachelet saiu vitoriosa da eleição, recendo 46% dos votos no primeiro, disputando o segundo turno com Matthei, que recebeu 25% dos votos. Em terceiro e quarto lugar ficou, Enríquez-Ominami, com 10%, e Parisi, também com 10%. Nesse ano temos Bachelet e Matthei se candidatando por meio de partidos tradicionais e com carreiras prévias na política, sendo Bachelet uma ex-presidente e Matthei como ministra, caracterizando ambas como *insiders*. Já Parisi não possuía qualquer carreira política e se candidatou sem filiação a um partido, o tornando um *outsider*. Por fim, temos Enríquez-Ominami, que havia servido apenas como deputado e que sua candidatura foi feita

através do movimento independente STQCC (Si tú quieres, Chile cambia), o tornando, um *outsider*.

Já a eleição de 2017 teve 6 candidatos com mais de 5% dos votos. Sebastián Piñera (CV) foi eleito presidente, arrematando 36% dos votos no primeiro turno e disputando o segundo turno com Alejandro Guillier (NM), que recebeu 22% dos votos. Em seguida tivemos Beatriz Sánchez (FA), com 20%, José Antonio Kast (sem partido), com 8%, Carolina Goic (PDC), com 5% e Marco Enríquez-Ominami (PRO) também com 5% dos votos. Nessa disputa temos como *insiders*: Piñera, que é ex presidente do Chile; Guillier, que foi senador e concorreu pela Nova Maioria, um movimento de alta competitividade que abarca o apoio de importantes partidos chilenos, como o PS e PDD; e Goic, que foi deputada e senadora pelo PDC. Enríquez-Ominami, estava em seu terceiro pleito para a presidência, sendo candidato por um partido recém fundado e não competitivo, o PRO, podendo assim ser classificado novamente como um *outsider*. Kast concorreu a eleição como candidato independente, tendo servido apenas um mandato como deputado, podendo ser considerado um *outsider* nessa disputa. Por fim, Sánchez não tinha qualquer carreira política prévia, disputava seu primeiro pleito nessa eleição, sendo candidata independente por um movimento recém formado, a Frente Ampla, o que a caracteriza como *outsider*.

Tabela 4 - Outsiders nas eleições presidenciais chilenas entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
11/17/2013	Enríquez-Ominami, Marco	outsider	STQCC	Centro-esquerda	10,98%
11/17/2013	Parisi, Franco	outsider		Direita	10,12%
11/19/2017	Sánchez, Beatriz	outsider	FA	Centro-esquerda	20,27%
11/19/2017	Kast, José Antonio	outsider			7,93%

Colômbia

Em 2010 as eleições presidenciais colombianas tiveram como candidatos mais competitivos Juan Calderón (PU), Germán Vargas Lleras (PCR), Martha Nohemi Sanín (PCC), Gustavo Francisco Petro Urrego (PDA) e Aurelijus Antanas Sivickas (OV). Juan Calderón foi eleito presidente e conquistou 47% dos votos no primeiro turno. O segundo lugar ficou com Sivickas, que obteve 21% dos votos, seguido por Lleras, com 10%, Urrego, com 9% e Sanín, com 6%. O candidato vencedor da eleição, Calderón, elegeu-se pelo partido do

então presidente Álvaro Uribe e serviu em seu mandato como ministro da defesa, o que o caracteriza como um *insider*. O segundo colocado pode ser considerado um *outsider*, tendo em vista que Sivickas não tinha carreira política relevante nacionalmente e sua candidatura foi feita por meio do PV, que era recém formado e não era competitivo no período. Outro *insider* é Germán Lleras, candidato pelo tradicional PCR, que possuía carreira como senador, chegando a ser presidente do senado. Sanín também é uma *insider* por conta da sua extensa carreira dentro do governo colombiano, ocupando cargos como embaixadora e ministra em várias ocasiões e por ser candidata pelo PCC, que é competitivo em eleições presidenciais. Já Petro pode ser considerado um *outsider*, tendo em vista que foi seu primeiro pleito e que concorreu pelo PDA, recém fundado (2005) e sem competitividade.

O cenário de 2014 conta com 5 candidatos, sendo eles: Martha Lucía Ramírez (MNC), com 16% dos votos; Óscar Iván Zuluaga (CDMFCG), com 31%; Enrique Peñalosa (AV), com 8%; Juan Calderón (UN), com 27%; e Clara López (PDA-UP), com 16%. Como *insiders* nesta eleição temos: Calderón, que era o incumbente; Ramírez, que era candidata por um dos partidos mais tradicionais da Colômbia, tendo sido eleita senadora e servido como ministra; Óscar Zuluaga, que possuía uma extensa carreira política como senador e ministro, e se candidatou pelo CDMFCG, que apesar de ser recém formado, mas que foi fundado pelo ex-presidente Álvaro Uribe, contando com um alto apoio político logo de início; e López devido a sua filiação ao PDA, que já estava em sua terceira disputa presidencial como partido competitivo. Por fim, temos Peñalosa como *outsider*, já que foi sua primeira candidatura e ela foi feita pelo AV, que era recém fundado e estava disputando seu segundo pleito presidencial.

A disputa pela presidência da Colômbia de 2018, teve como candidatos mais votados no primeiro turno: Iván Duque (CDMFCG), com 39% dos votos; Gustavo Petro (MP), com 25%; Sergio Fajardo (MCC), com 24%; e Germán Vargas Lleras (MVL), com 7%. O vencedor da disputa, Iván Duque, pode ser caracterizado como um *insider*, devido a sua carreira prévia como senador. Gustavo Petro é novamente um *outsider*, tendo em vista que é a sua segunda candidatura a presidente, feita através do MP, que foi fundado em 2011 por Petro e ainda não se mostrava competitivo. Já Sergio Fajardo pode ser considerado um *insider* por conta de sua carreira política como prefeito, governador e vice-presidente. Por fim, Germán Lleras também pode ser classificado como *insider* por conta de sua carreira como político, servindo como vice-presidente, presidente do senado e ministro.

Tabela 5 - Outsiders nas eleições presidenciais colombianas entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
06/09/2010	Urrego, Gustavo Francisco Petro	outsider	PDA	Esquerda	9,28%
06/09/2010	Sivickas, Aurelijus Antanas	outsider	OV	Centro-esquerda	21,84%
05/25/2014	Peñalosa, Enrique	outsider	AV	Centro-esquerda	8,82%
05/25/2014	López, Clara	outsider	PDA-UP	Esquerda	16,21%
05/27/2018	Petro, Gustavo	outsider	MP	Esquerda	25,54%

Costa Rica

Na eleição presidencial da Costa Rica de 2010, 3 candidatos se destacaram e conquistaram mais de 5% dos votos: Laura Chinchilla Miranda (PLN), com 46 dos votos; Ottón Solís Fallas (PAC), com 25%; e Otto Guevara Guth (ML), com 20%. A vencedora Miranda possui carreira política como ministra e deputada anteriormente à eleição, e foi candidata pelo PLN, que é um dos partidos mais tradicionais e competitivos do país, de modo que podemos classificá-la como uma *insider*. Já Fallas, estava em sua terceira disputa pela presidência através do PAC, obtendo mais 5% dos votos em todas as candidaturas, o que o torna um *insider* de acordo com nossa regra para pleitos de partidos. Otto Guevara Guth, por sua vez, pode ser classificado como um *outsider*, já que suas candidaturas eram pelo MPL, que não era competitivo, e também porque sua carreira como político se resumia a um mandato como deputado.

Já na disputa pela presidência de 2014, o vencedor da disputa, Luis Guillermo Solís Rivera, arrematou 30% dos votos no primeiro turno, e foi candidato por um dos partidos mais importantes e competitivos em disputas presidenciais do país - o PAC -, podendo ser considerado como um *insider*. Em segundo lugar temos Johnny Araya Monge, com 29% dos votos no primeiro turno, e que foi candidato pelo PLN, que é um dos partidos mais antigos e competitivos em todos os âmbitos da política costarriquenha, sendo assim também um *insider*. Em seguida temos José María Villalta Flórez-Estrada, que pode ser caracterizado como um *outsider*, tendo em vista que foi apenas deputado por um mandato e se candidatou à presidência pelo PFA, que na época disputava sua segunda eleição presidencial, sem ter conseguido sequer 1% dos votos em sua primeira candidatura. Novamente Otto Guevara Guth entra para a disputa sem conseguir ser eleito, no entanto, como é o terceiro pleito do ML para a presidente conquistando mais de 1% dos votos, podemos considerá-lo como um partido competitivo e Otto um *insider*. O último candidato a entrar para nossa análise é Rodolfo Piza

Rocafort, que, mesmo sem ter uma carreira política extensa, foi candidato pelo PUSC, um dos partidos mais tradicionais e competitivos do país, podendo assim ser considerado um *insider*.

Por fim, na eleição de 2018, temos 5 candidatos competitivos na disputa presidencial, são eles: Carlos Alvarado Quesada (PAC), com 21% dos votos no primeiro turno; Fabricio Alvarado Muñoz (PREN), com 24% dos votos no primeiro turno; Antonio Álvarez Desanti (PLN), com 18%; Rodolfo Piza Rocafort (PUSC), com 15%; e Juan Diego Castro Fernández (PIN), com 9%. Quesada, Desanti e Gómez, foram candidatos de partidos muito importantes e competitivos dentro da política costarriquenha, podendo assim serem considerados *insiders*. Já Muñoz e Fernández disputavam pela primeira vez a presidência, sem terem carreiras políticas e através de partidos não competitivos, se caracterizando como *outsiders*.

Tabela 6 - Outsiders e insiders nas eleições presidenciais costarriquenhas entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
02/07/2010	Guevara Guth, Otto	outsider	PML	Direita	20,92%
02/02/2014	Florez-Estrada, José María Villalta	outsider	PFA	Esquerda	17,25%
02/04/2018	Castro, Juan Diego	outsider	PIN	Direita	9,54%
02/04/2018	Ivarado, Fabricio	outsider	PRN	Direita	24,99%

Guatemala

As eleições presidenciais da Guatemala de 2011, resultaram na vitória de Otto Pérez Molina (36% dos votos no primeiro turno), que foi candidato pelo PP, partido altamente competitivo no âmbito presidencial que elegia o segundo presidente desde sua criação, o que torna Molina um *insider*. Em segundo lugar, com 22% dos votos no primeiro turno, temos o ex-deputado Manuel Baldizón, candidato pelo LIDER, partido fundado em 2009 e que compete pela primeira vez pela presidência, caracterizando Baldizón como *outsider*. No terceiro e quinto lugar temos outros candidatos que podem ser considerados *outsiders*, tendo em vista que Eduardo Suger (CREO) e Harold Caballeros (VIVA), disputavam eleições presidenciais pela primeira vez, através de partidos que lançaram candidatos pela primeira vez. Já Mario Estrada disputava sua segunda eleição pela UCN, mas mesmo assim também pode ser considerado um *outsider*, tendo em vista que não tinha carreira política prévia e que a UCN participou de apenas uma outra eleição.

Em 2015 a eleição para presidente resultou na vitória de um *outsider*, Jimmy Morales, que recebeu 23% dos votos no primeiro turno de seu primeiro pleito pela FCN Nación, partido fundado em 2008 que disputava a presidência também pela primeira vez. O segundo lugar ficou com a ex-primeira dama Sandra Torres, que disputou a eleição pelo tradicional e competitivo UNE, podendo assim ser considerada uma *insider*. Em seguida temos 2 outros candidatos que podem ser considerados *outsiders*: a segunda disputa de Baldizón pelo LIDER, que arrematou 19% dos votos; e a primeira candidatura de Alejandro Giammattei, através do recém fundado Fuerza, com 6% dos votos. Zury Ríos, arrematou 5% dos votos em sua primeira disputa pela presidência pelo pelo VIVA, que lançava o seu segundo candidato pela presidência, o que a torna também uma *outsider*.

A eleição presidencial de 2019 foi bastante dividida, tendo 7 candidatos com mais de 5% dos votos. O vencedor da disputa foi Alejandro Giammattei (Vamos), com 13% dos votos no primeiro turno, que disputava seu terceiro pleito para presidente, mas sem ter tido carreira política anterior a eleição e sendo candidato pelo recém fundado e não competitivo, Vamos, podendo assim ser definido com um *outsider*. Em segundo lugar temos novamente Sandra Torres, com 25% dos votos, que é uma *insider*. Com 11% dos votos, Edmond Mulet fica em terceiro lugar em sua primeira disputa eleitoral, sendo candidato pelo recém fundado PHG, podendo ser classificado como um *outsider*. Em seguida temos mais uma *outsider*, Thelma Cabrera, com 10% dos votos, que disputava seu primeiro pleito pelo MLP, que também lançava pela primeira vez uma candidata à presidência. Por fim, temos Roberto Arzu (PAN), com 6% dos votos, Isaac Farchi (VIVA), com 5% e Manuel Villacorta (WINAQ) também com 5%, todos disputando uma eleição pela primeira vez, mas através de partidos que atingiram nosso parâmetro de competitividade, o que os classificam como *insiders*.

Tabela 7 - Outsiders nas eleições presidenciais guatemaltecas entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
09/11/2011	Estrada, Mario	outsider	UCN	Centro-esquerda	8,63%
09/11/2011	Baldizón, Manuel	outsider	LIDER	Direita	23,20%
09/11/2011	Suger, Eduardo	outsider	CREO	Centro-direita	16,44%
09/11/2011	Caballeros, Harold	outsider	VIVA-EG	Direita	6,17%
09/06/2015	Baldizón, Manuel	outsider	LIDER	Direita	19,64%
09/06/2015	Morales, Jimmy	outsider	FCN	Direita	23,85%
09/06/2015	Ríos, Zury	outsider	Viva	Direita	5,89%
09/06/2015	Giammattei, Alejandro	outsider	F	Centro	6,45%
06/16/2019	Giammattei, Alejandro	outsider	VAMOS	Centro-direita	13,96%

06/16/2019	Mulet, Edmond	outsider	PHG	Centro-direita	11,22%
06/16/2019	Cabrera, Thelma	outsider	MLP	Esquerda	10,37%

Honduras

Em Honduras, a eleição para presidente de 2013 teve 4 candidatos principais, sendo eles Juan Orlando Hernández (PNH), Xiomara Castro (LIBRE), Mauricio Villeda (PLH) e Salvador Nasralla (PAC). No primeiro e terceiro lugar temos dois *insiders* advindos de partidos tradicionais e competitivos: Hernández, que foi eleito com 36% dos votos, já tendo sido presidente da câmara dos deputados e competia pelo partido do governo, e Villeda, que recebeu 20% dos votos, competindo pelo PL, que é um partido competitivo pelos parâmetros que estabelecemos. Já o segundo e quarto lugar ficaram com dois *outsiders*, Castro e Nasralla, que disputavam seus primeiros pleitos e eram candidatos por partidos que participaram pela primeira vez de eleições.

A eleição presidencial de 2017 Hernández concorreu a reeleição e mais uma vez foi vitorioso pelo PN, arrematando 42% dos votos e mantendo sua posição como *insider*. Salvador Nasralla concorre pela segunda vez, desta vez como um candidato independente, apoiado pelo movimento Alianza de Oposición contra la Dictadura, podendo ser classificado novamente como um *outsider*. Em terceiro temos Luis Zelaya, um candidato do Partido Liberal (PLH), que, mesmo sem ter ocupado cargos importantes ou ter vencido eleições, candidatou-se por um dos principais partidos do país, o que o torna um *insider*.

Tabela 8 - Outsiders nas eleições presidenciais hondurenhas entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
11/24/2013	Nasralla, Salvador	outsider	PAC	Centro	13,43%
11/24/2013	Castro, Xiomara	outsider	LIBRE	Esquerda	28,78%
11/26/2017	Nasralla, Salvador	outsider	LIBRE		41,42%

México

A eleição para presidente do México de 2012 teve como candidatos mais competitivos: Enrique Peña Nieto (PRI), que foi vitorioso com 38% dos votos; seguido por Andres Manuel López Obrador (PRD), que conquistou 32% dos votos; e em terceiro lugar, Josefina Vázquez Mota (PAN). Nieto já havia sido deputado e governador anteriormente à eleição, e Mota havia servido como deputada e secretária em governos anteriores. Além disso, eles concorreram pelo PRI e o PAN, que eram os partidos mais importantes do México, sendo altamente competitivos, podendo assim ser classificados como *insiders*. Obrador, por sua vez, estava em seu segundo pleito pela presidência, concorrendo pelo PRD que, mesmo sem nunca ter conseguido eleger um presidente, era competitivo nas disputas, o que o torna também um *insider*.

No cenário da disputa presidencial de 2018 temos novamente dois candidatos *insiders* vindos do PAN e PRI, Ricardo Anaya Cortes e José Antonio Meade Kuribreña, que arremataram 22% e 16% dos votos, respectivamente. O vencedor da disputa foi Obrador, com 53% dos votos, que dessa vez se candidatou por um partido que fundou pouco antes da eleição, o MORENA, podendo ser classificado nessa eleição como um *outsider*. Por fim, temos Jaime Rodríguez Calderón, com 5% dos votos, candidato independente que disputava pela primeira vez a presidência, podendo ser classificado também como um *outsider*.

Tabela 9 - Outsiders nas eleições presidenciais mexicanas entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
07/01/2018	López Obrador, Andrés Manuel	outsider	MORENA	Centro-esquerda	54,74%
07/01/2018	Calderón, Jaime Rodríguez	outsider			5,38%

Nicarágua

A eleição presidencial da Nicarágua de 2011 teve 3 candidatos que passavam por nossa barreira de competitividade: Daniel Ortega (FSLN), que foi eleito com 62% dos votos; Fabio Gadea Mantilla (PLI), com 31% dos votos; e Arnoldo Alemán (PLC), com 5% dos votos. Ortega era o incumbente e disputava por FSLN, que é um partido tradicional e competitivo, o classificando como um *insider*. Alemán também pode ser considerado um

insider tendo em vista que já havia sido presidente do país e concorria pelo PLC, que também era um partido muito competitivo. Já Mantilla, disputava a eleição pela primeira vez, tendo sido apenas deputado antes da disputa pela presidência e sendo candidata por um partido sem competitividade nos pleitos presidenciais, podendo ser classificada com uma *outsider*.

Já a eleição de 2016 teve uma concentração maior de votos, de modo que apenas dois candidatos conseguiram obter mais de 5% dos votos e os dois podem ser classificados como *insiders*. O vencedor pela terceira vez consecutiva, com 72% dos votos, foi Daniel Ortega, novamente pelo FSLN. O segundo lugar ficou com Maximino Rodríguez Martínez, com 15% dos votos, candidato pelo PLC, que é um dos partidos mais competitivos da Nicarágua.

Tabela 10 - Outsiders nas eleições presidenciais nicaraguenses entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
11/06/2011	Mantilla, Fabio Gadea	outsider	PLI	Centro-direita	31,00%

Panamá

Em 2014 o Panamá teve 3 candidatos para a presidência com mais de 5% dos votos. O campeão da disputa foi o ex-presidente e ex-ministro, Juan Carlos Varela, com 39% dos votos, que havia se candidatado pelo PP, um dos partidos mais competitivos e antigos do país, podendo ser categorizado como um *insider*. Em seguida, com 31% dos votos, temos outro *insider*, José Domingo Arias, candidato pelo também competitivo CD, que já havia sido ministro em governos anteriores. Por fim, Juan Carlos Navarro conseguiu arrematar 28% dos votos, disputando pelo tradicional e competitivo PRD, sendo também um *insider*, tendo em vista que, além da candidatura por um partido competitivo, também tinha carreira prévia na política.

Já em 2019, a eleição presidencial teve 4 principais candidatos: Laurentino Cortizo (PRD), com 33% dos votos; Rómulo Roux (CD), com 30%; Ricardo Lombana (sem partido), com 18%; e José Isabel Blandón (PP), com 10%. Cortizo, Roux e Blandón tinham carreiras políticas prévias à eleição e foram candidatos de partidos competitivos - PRD, CD e PP, respectivamente-, podendo assim ser considerados como *insiders*. Já Lombana, não tinha carreira política anterior à eleição e foi um candidato independente, podendo ser classificado como um *outsider*.

Tabela 11 - Outsiders e insiders nas eleições presidenciais panamenhas entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
05/05/2019	Lombana, Ricardo	outsider			18,78%

Peru

As eleições de 2011 do Peru tiveram 2 *outsiders*, advindos de partidos não competitivos e sem carreiras políticas significativas como os dois candidatos mais votados no primeiro turno: Ollanta Humala, com 31% dos votos, e Keiko Fujimori, com 23% dos votos. Fujimori é um outro caso complexo a ser tratado, que pode estar além da capacidade analítica dos nossos parâmetros, já que, mesmo não tendo carreira prévia na política, é filha de um importante ex-presidente do país. Pedro Pablo Kuczynski (AGC) conquistou 18% dos votos e pode ser considerado um *insider*, tendo em vista que já tinha uma carreira política relevante anteriormente à eleição, tendo sido ministro em mais de um governo. Alejandro Toledo (PP) e Luis Castañeda receberam 15% e 9% dos votos, respectivamente, e também são classificados como *insiders*, porque ambos foram candidatos de partidos competitivos, e porque Toledo já foi presidente.

Em sua segunda disputa pela presidência, o *insider* Pedro Pablo Kuczynski (PPK) consegue se eleger, conquistando 21% de votos no primeiro turno. Keiko Fujimori ficou em segundo lugar novamente, com 39% dos votos, e ainda pode ser considerada uma *outsider*, tendo em vista que seu partido ainda não poderia ser considerado competitivo por ser sua segunda disputa pela presidência. Uma outra *outsider* é Verónica Mendoza, que havia sido deputada por apenas um mandato e se candidatava por um partido formado em 2015, o Sembrar, que disputava sua primeira eleição e ainda não era competitivo. Mais dois *insiders* podem ser apontados na disputa: Alfredo Barnechea, que conquistou 6% dos votos e candidatou-se pelo AC, um partido tradicional e competitivo do Peru; e Alan García (AP), que arrematou 5% dos votos e, apesar de ter se candidatado por um movimento recém fundado, foi presidente por dois mandatos.

Tabela 12 - Outsiders e insiders nas eleições presidenciais peruanas entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
04/10/2011	Fujimori, Keiko	outsider	Fuerza 2010	Direita	23,55%
04/10/2011	Humala Tasso, Ollanta Moisés	outsider	GP	Esquerda	31,70%
04/10/2016	Fujimori, Keiko	outsider	FP (2012)	Direita	39,86%
04/10/2016	Mendoza, Verónica	outsider	FA	Esquerda	18,74%

Paraguai

A eleição presidencial do Paraguai de 2013 teve como principais candidatos Horário Cartes (ANR-PC), Efraín Alegre (PLRA) e Mario Ferreiro (PRF). Cartes foi eleito com 45% dos votos, candidato por um dos maiores e mais competitivos partidos da nação, o ANR-PC, podendo ser considerado um *insider*. Alegre conquistou 37% dos votos e também pode ser considerado um *insider*, porque já havia sido ministro, senador e deputado, além de ter se candidatado por um dos partidos mais competitivos do país, o PLRA. Já Ferreiro não tinha carreira política anterior à eleição e foi candidato pelo PRF que, apesar de ser muito antigo, não apresenta competitividade nas disputas presidenciais, caracterizando-se como um *outsider*.

Já a eleição de 2018 foi concentrada em dois candidatos *insiders*: Mario Abdo Benítez (ANR-PC), com 46% dos votos e Efraín Alegre (PLRA), com 43%. Benítez foi eleito pelo tradicional e competitivo ANR-PR e foi senador anteriormente à candidatura à presidência. Alegre, como já mencionado, tem uma extensa carreira política e foi novamente candidato pelo PLRA, que é um partido muito competitivo.

Tabela 13 - Outsiders nas eleições presidenciais paraguaias entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
04/21/2013	Ferreiro Sanabria, Mario Anibal	outsider	PRF	Centro-esquerda	6,22%

El Salvador

Em 2014 as eleições presidenciais de El Salvador contaram com 3 candidatos que passaram por nossa barreira de competitividade, sendo todos eles *insiders*. O vencedor da disputa foi Salvador Sánchez Cerén, político com carreira como deputado e ministro,

candidato pelo FMLN, partido do presidente incumbente e com competitividade em todas as eleições. Em segundo lugar temos Norman Quijano, com 38% dos votos, competindo por um partido competitivo, o ARENA. Com 11% dos votos, o ex-presidente Elías Antonio Saca ficou em terceiro lugar, candidato pelo PCN, partido tradicional e competitivo.

O cenário da eleição de 2019 é bem diferente, com a vitória do *outsider* Nayib Bukele, pelo recém fundado, GANA. Bukele, que tinha sido apenas prefeito anteriormente à eleição, conseguiu ser eleito presidente com 53% dos votos, mesmo se candidatando por um partido sem competitividade, que lançava pela segunda vez um candidato para a presidência. Os candidatos que ficaram em segundo e terceiro lugar, Carlos Calleja (31% dos votos) e Hugo Martínez (14% dos votos) - que havia sido deputado e ministro -, podem ser considerados *insiders*, por pertencerem a partidos competitivos e tradicionais, o ARENA e o FMLN, respectivamente.

Tabela 14 - Outsiders nas eleições presidenciais salvadorenhas entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
02/03/2019	Bukele, Nayib	outsider	GANA	Centro-direita	53,10%

Uruguai

As eleições presidenciais do Uruguai de 2014 tiveram 3 candidatos com mais de 5% de votos e todos eram *insiders*. O presidente eleito foi Tabaré Vázquez, com 47% dos votos no primeiro turno. Vázquez já havia sido presidente e concorreu pela FA, um dos partidos mais tradicionais e competitivos do país. O segundo lugar ficou com Luis Lacalle Pou, com 30% dos votos no primeiro turno. Pou já havia sido senador e deputado e concorreu pelo PN, um dos maiores e mais competitivos da nação. Com 12% dos votos, Pedro Bordaberry ficou em terceiro lugar, candidato pelo PC, um dos partidos mais tradicionais e competitivos da política uruguaia, e com uma carreira política como senador e ministro em dois governos diferentes.

Já na eleição de 2019 temos um candidato *outsider* que passa por nossa barreira de competitividade, obtendo 11% dos votos: Guido Manini Ríos, ex-comandante chefe do exército uruguaio. Ríos não tinha carreira política anterior à eleição e foi candidato pelo CA, fundado no ano da eleição. Os outros três candidatos que obtiveram mais de 5% de votos

podem ser classificados como *insider*, tendo em vista que todos vêm de partidos tradicionais e competitivos. O candidato do PN e presidente eleito, Luis Lacalle Pou, conquistou 28% dos votos no primeiro turno, e tem uma carreira política extensa, como já mencionado. O segundo lugar ficou com o candidato da FA, Daniel Martínez, que é um ex- senador e ministro. Em terceiro lugar ficou Ernesto Talvi, do PC, que também já foi ministro e senador.

Tabela 15 - Outsiders nas eleições presidenciais uruguaias entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
10/27/2019	Ríos, Guido Manini	outsider	CA	Direita	11,46%

Venezuela

A eleição presidencial venezuelana de 2012 foi disputada por dois políticos *insiders* com carreiras políticas de longa data: o incumbente Hugo Chávez (PSUV), que venceu a eleição com 55% dos votos, e o ex deputado e prefeito, Henrique Capriles (PJ), que arrematou 44% dos votos. Ambos disputaram através de partidos fundados a pouco tempo e sem competitividade, de modo que era a primeira disputa do PSUV para a presidência e a segunda o PJ.

Em 2013 houve uma nova eleição para presidente, em que Nicolás Maduro foi o candidato do governo, escolhido para suceder Chávez, concorrendo também pelo PSUV e sendo eleito com 50,61% dos votos. Maduro já havia servido como presidente da Assembléia Nacional da Venezuela, vice-presidente e ministro, além de ter sido candidato pelo partido do governo, caracterizando-se como um *insider*. O segundo lugar do pleito, novamente, ficou com Henrique Capriles, ainda pelo PJ, arrematando 49,12% dos votos.

O cenário de 2018 é bastante diferente, tendo 3 candidatos com mais de 5% dos votos. Novamente, Maduro saiu vitorioso da disputa, com 67% dos votos. Na segunda posição, com 20% dos votos, temos Henri Falcón (AP), ex-governador, prefeito e deputado. Devido à sua extensa carreira política, podemos considerar Falcón um *insider*. Por fim, no terceiro lugar temos Javier Bertucci (EL CAMBIO), com 10% dos votos, que na época não tinha carreira política e concorria pelo EC, que havia sido fundado no ano da eleição e não era competitivo ainda, sendo caracterizado, assim, como um candidato *outsider*.

Tabela 16 - Outsiders nas eleições presidenciais venezuelanas entre 2010 e 2019.

Data da eleição	Nome do candidato	Status	Partido	Orientação ideológica	Porcentagem de votos
05/20/2018	Bertucci, Javier	outsider	EL CAMBIO	Centro	10,82%

Equador

A eleição para presidente do Equador de 2013 culminou na terceira vitória consecutiva de Rafael Correa (PAIS), com 57% dos votos. Guillermo Lasso (CREO) ficou na segunda posição, com 22%. Apesar de ser a primeira disputa presidencial de um candidato do CREO, Lasso já havia sido governador e ministro, o que o torna um *insider*. O terceiro lugar ficou com um candidato também *insider*, Lucio Gutiérrez, que já havia sido presidente e disputou pelo PSP, que é um partido competitivo de acordo com nossos parâmetros.

Em 2017 o cenário da disputa pela presidência é diferente, tendo 4 candidatos com mais de 5% de votos. O presidente eleito foi Lenín Moreno, com 39% dos votos no primeiro, que havia servido como vice-presidente nos três mandatos de Correa. Além disso, Moreno concorreu pelo partido de Correa, o PAIS, que, evidentemente, é um partido muito competitivo, o que classifica Moreno como um *insider*. Guillermo Lasso (CREO) novamente ficou em segundo lugar, com 28% dos votos no primeiro turno, concorrendo também como um *insider*. Em terceiro lugar com 16% dos votos, temos Cynthia Viteri, política com carreira apenas como deputada, porém sendo candidata por um partido tradicional e competitivo, o PSC, podendo ser classificada também como uma *insider*. Por fim, temos outro candidato *insider*, Paco Moncayo, que foi candidato pelo ID, que é um partido antigo e competitivo nas disputas presidenciais equatorianas.

2.7 Conclusão

Partindo da observação das carreiras dos candidatos e da performance eleitoral em eleições presidenciais dos partidos que representavam, foi possível identificar quais foram os candidatos *outsiders* dos países analisados nas eleições observadas. A análise geral não revela nenhuma tendência clara quanto aos dados observados e nem nos criados na pesquisa. Dos

148 candidatos que tiveram mais 5% de votos nas eleições presidenciais, 44 eram *outsiders*, representando 30% dos candidatos. Esses políticos conquistaram em média 20% dos votos nesse período, enquanto os *insiders* recebiam em média 28%. As eleições de 2010, 2011 e 2013 tiveram ao todo 16 candidatos *outsiders*, representando 32% dos candidatos que disputaram as eleições presidenciais desse período, arrematando uma média de 17% dos votos. As disputas pela presidência dos anos de 2014, 2015 e 2016 tiveram 11 políticos *outsiders*, o que equivale a 28% dos candidatos. Além disso, nesse período os *outsiders* conquistaram em média 20% dos votos. Já as eleições presidenciais ocorridas de 2017 a 2019, tiveram 17 candidatos *outsiders*, o maior número observado na década, representando 28% dos candidatos à presidência e alcançando uma média de 22% dos votos, também a maior média de votos da década. Assim, é possível observar que, apesar do começo dos anos 2010 ter tido a maior proporção de candidatos *outsiders*, é no final da década que esses candidatos obtêm a maior porcentagem de votos.

É possível notar também um significativo aumento da média de votos para *outsiders* no Gráfico 2 após 2013, que coincide com uma onda de protestos contra o governo em países como Brasil, Argentina e Chile, e com as vitórias de candidatos classificados como *outsiders* nessa análise, como Macri, Bolsonaro, López Obrador e Bukele. Além disso, esse aumento na média de votos para *outsiders*, por ocorrer em um período de crise econômica e política, pode ser uma evidência dos pressupostos da literatura em relação aos efeitos das crises econômicas sobre o voto para candidatos de fora do *establishment* político (KENNEY, 1998; SINGER, 2013; KARAKAS, 2020), bem como para o efeito da crise política e de legitimidade democrática vivida na região no voto para esses candidatos (CARRERAS, 2012; BOHN, 2012; BUNKER, 2013; BUISSERET, 2019; BORGES, 2021). Porém, são necessárias análises mais aprofundadas que tenham essas questões como variáveis explicativas e o voto para *outsiders* como variável dependente para que seja possível comprovar ou não essas hipóteses, algo que foge dos objetivos deste trabalho.

Apesar das dificuldades metodológicas advindas da falta de precisão ao estabelecer indicadores para definir quem são os *outsiders* pela literatura especializada, este trabalho pôde desenhar critérios que possibilitaram a identificação desses atores políticos ao longo dos anos 2010 em eleições presidenciais latino-americanas, conseguindo classificar 44 candidatos como *outsiders* em 15 países da amostra, com apenas 2 casos sendo de difícil classificação (Macri e Fujimori, que possuem características particulares, que fogem um pouco do escopo dessa análise). O principal obstáculo enfrentado nesta pesquisa foi a criação de indicadores que conseguissem caracterizar de forma acurada as atribuições definidas pela literatura em

relação ao conceito de *outsider*. Nenhum dos trabalhos referenciados aqui oferece medidas precisas para diferenciar *outsiders* e *insiders*, ou distinguir um partido que faz parte do *establishment* partidário e um que não faz parte. Trabalhos como o de Carreras (2012) e Bunker (2013), apesar de oferecerem algumas características mensuráveis, não apresentam de forma direta quais foram os indicadores usados para caracterizar os *outsiders* analisados em suas pesquisas. Essa parece ser uma tendência na literatura, no sentido de que os trabalhos da área têm os *outsiders* como uma categoria já sistematizada, sem antes o fazer propriamente, tornando-se um obstáculo contínuo para aqueles que têm candidatos *outsiders* no cerne de suas pesquisas, tendo em vista que, na prática, *outsiders* ainda são um conceito relativamente abstrato e não um dado construído através de medidas sistemáticas e coerentes.

No entanto, os parâmetros criados aqui para a categorização desse tipo de político, através de algumas medidas que a literatura já oferecia, podem ser usados em outros trabalhos que busquem analisar fenômenos que tenham políticos *outsiders* como objeto, especialmente pesquisas de comportamento eleitoral que usam voto para candidatos ou tipos de candidatos como variável dependente. Neste sentido, esta pesquisa não só cumpre o importante papel de identificar quais foram os candidatos *outsiders* nas eleições presidenciais latino-americanas dos anos 2010, mas também fornece indicadores que podem ser usados em pesquisas que analisam esse tipo de político, especialmente nossa barreira de competitividade em eleições presidenciais para partidos, em contextos em que não há uma definição clara de quais partidos fazem parte do *establishment* político e quais não fazem, como é o caso de muitos dos sistemas multipartidários latino-americanos. Ademais, é necessário que indicadores mais precisos e objetivos sejam formulados em trabalhos futuros para que haja uma conexão cada vez mais concreta entre o conceito de *outsider* e as características reais dos políticos que se encaixam no conceito, tanto em relação a carreira política desses atores, como os cargos que já ocuparam, quanto em relação aos partidos pelos quais eles concorrem às eleições, como o número de cadeiras no congresso ou média de votos em disputas pelo executivo. Esses indicadores podem promover parâmetros gerais para a análise de regiões ou amostras com grande número de nações, tornando-se particularmente importantes em pesquisas como esta, que observam países de uma região com similaridades significativas quanto a seus sistemas partidários, mas que também possuem suas particularidades.

Referências

BAKER, Andy. Reformas Liberalizantes e Aprovação Presidencial: A Politização dos Debates da Política Econômica no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 45 n. 1, 2002.

BARR, Robert R.. POPULISTS, OUTSIDERS AND ANTI-ESTABLISHMENT POLITICS. **Sage Publications**, Washington, v. 15, n. 1, p. 29-48, 9 mar. 2013.

BENTON, Allyson Lucinda. Dissatisfied Democrats or Retrospective Voters?: Economic Hardship, Political Institutions, and Voting Behavior in Latin America.” **Comparative Political Studies**, v. 38, n. 4, , p. 417–442, Mai/2005

BOHN, Simone R.. Corruption in Latin America: understanding the perception-exposure gap. **Journal Of Politics In Latin America**, [S.L.], v. 4, n. 3, p. 67-95, dez. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1866802x1200400303>.

BUISSERET, Peter; VAN WEELDEN, Richard. Crashing the Party? Elites, Outsiders, and Elections. **American Journal Of Political Science**, [S.L.], v. 64, n. 2, p. 356-370, abr. 2020. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/ajps.12457>.

BUNKER, Kenneth; NAVIA, Patricio. Latin American Political Outsiders, Revisited: the case of marco enríquez- ominami in chile, 2009. **Journal Of Politics In Latin America**, Nova York, v. 2, n. 5, p. 3-35, fev. 2013.

BURDEN, B. C., & Wichowsky, A. (2014). Economic Discontent as a Mobilizer: Unemployment and Voter Turnout. **The Journal of Politics**, 76(4), 887–898.

CAMPELLO, Daniela. **Retrospective Voting and Democratic Accountability**. In: Routledge Handbook Of Brazilian Politics. New York and London: Routledge, 2019.

CAMPELLO, Daniela e ZUCCO, Cesar. **Exogenous shocks and misattribution of responsibility for economic performance: results from survey experiments**. FGV: 2015.

CARRERAS, Miguel. The Rise of Outsiders in Latin America, 1980–2010. **Comparative Political Studies**, [S.L.], v. 45, n. 12, p. 1451-1482, 5 jun. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0010414012445753>.

CARRERAS, Miguel. Outsiders and Executive-Legislative Conflict in Latin America. *Latin American Politics And Society*, [S.L.], v. 56, n. 03, p. 70-92, 2014. **Cambridge University Press (CUP)**. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1548-2456.2014.00241.x>.

CARLIN, Ryan E., e HELLWIG, Timothy. Policy Regimes and Economic Accountability in Latin America. **Comparative Political Studies**, v. 52, n. 13–14, p. 2032–2060, Nov. 2019.

CARREIRÃO, Yan De Souza. **A decisão do voto nas eleições presidenciais no brasil (1989 a 1998): A Importância do voto por avaliação de desempenho**. 1 ed. São Paulo: [s.n.], 2000.

CARREIRÃO, Yan, RENNO, Lucio. **Presidential Voting: Partisanship, Economy, Ideology**. In: Routledge Handbook Of Brazilian Politics. New York and London: Routledge, 2019.

DOWNS, Anthony. **Uma teoria econômica da democracia**: 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

DOYLE, David. The Legitimacy of Political Institutions. *Comparative Political Studies*, [S.L.], v. 44, n. 11, p. 1447-1473, 17 maio 2011. **SAGE Publications**. <http://dx.doi.org/10.1177/0010414011407469>.

ECHEGARAY, Fabián. Voto econômico ou referendun político? Os determinantes das eleições presidenciais na América Latina - 1982-1994. **Opinião Pública**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 88-109, ago./1995.

FERNANDES, Ivan Filipe de Almeida Lopes; FERNANDES, Gustavo Andrey de Almeida Lopes. A importância do crescimento econômico local na escolha do chefe do Executivo no Brasil. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 4, p. 653-688, Aug. 2017.

FIORINA, Morris P. Economic Retrospective Voting in American National Elections: A Micro-Analysis. **The Journal of Politics**, v. 22, n. 2, p. 426-443, mai./1978.

FREIDENBERG, Flavia; CASULLO, María Esperanza. The Rise of Outsider Politicians in Latin America and Europe. **The Washinton Post**. Washington, p. 1-5. 16 set. 2014. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2014/09/16/the-rise-of-outsider-politicians-in-latin-america-and-europe/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

HANSEN, Eric R.; TREUL, Sarah A.. Inexperienced or anti-establishment? Voter preferences for outsider congressional candidates. **Research & Politics**, [S.L.], v. 8, n. 3, p. 205316802110349, jul. 2021. **SAGE Publications**. <http://dx.doi.org/10.1177/20531680211034958>.

JOHNSON, Gregg B., RYU Sooh-Rhee. **Repudiating or Rewarding Neoliberalism? How Broken Campaign Promises Condition Economic Voting in Latin America**. University of Miami, 2010.

KARAKAS, Leyla D.; MITRA, Devashish. Inequality, redistribution and the rise of outsider candidates. **Games And Economic Behavior**, [S.L.], v. 124, p. 1-16, nov. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.geb.2020.07.012>.

KENNEY, Charles D.. Outsider and Anti-Party Politicians in Power. **Party Politics**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 57-75, jan. 1998. **SAGE Publications**. <http://dx.doi.org/10.1177/1354068898004001003>.

KRAMER, Gerald H.. Short-Term Fluctuations in U.S. Voting Behavior, 1896-1964. **American Political Science Review**, 131-43, 1971.

LEWIS-BECK, M.S. Economics and the American voter: Past, present, future. **Political Behavior**, v. 10, 5-21, 1988.

LEWIS-BECK, Michael S.; RATTO, Maria Celeste. Economic voting in Latin America: A general model. **Electoral Studies**, Buenos Aires, v. 32, n. 1, p. 489-493, mai./2013.

LINZ, Juan J.. The Failure of Presidential Democracy. **Journal Of Latin American Studies**, Baltimor, v. 27, n. 3, p. 740-741, out. 1995.

NADEAU, R. et al. Economic Accountability in Low-Income Democracies: The Latin American Voter. **Political Science Journal**, Montreal, v. 35, n. 03, p. 463-488, dez./2015.

NEZI, Roula. Economic voting under the economic crisis: Evidence from Greece, **Electoral Studies**, v.31, n. 3, p. 498-505, 2012.

MAINWARING, Scott. Presidentialism, Multipartism, and Democracy. **Comparative Political Studies**, [S.L.], v. 26, n. 2, p. 198-228, jul. 1993. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0010414093026002003>.

MUELLER, John E. "Presidential Popularity from Truman to Johnson." **The American Political Science Review**, v. 64, n. 1, pp. 18–34, 1970.

OTTER, Thomas, PACHALI, Max, MAYER, Stefan, LANDWEHR, Jan. Causal Inference Using Mediation Analysis or Instrumental Variables - Full Mediation in the Absence of Conditional Independence. **SSRN Electronic Journal**. jan./2018

PEIXOTO, Vitor; RENNÓ, Lucio. Mobilidade social ascendente e voto: as eleições presidenciais de 2010 no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas , v. 17, n. 2, p. 304-332, Nov. /2011.

PEREIRA, Frederico Batista. Voto econômico retrospectivo e sofisticação política na eleição presidencial de 2002. **Revista de Sociologia e Política**: v. 22, n. 50, p. 149-174, jun./2014.

PERES, Paulo, RICCI, Paolo e RENNÓ, Lúcio R. A Variação Da Volatilidade Eleitoral No Brasil: Um teste das explicações políticas, econômicas e sociais. **Latin American Research Review**: v. 46, n. 3, p. 46-68, 2011.

POWELL, G. BINGHAM, e GUY D. WHITTEN. A Cross-National Analysis of Economic Voting: Taking Account of the Political Context. **American Journal of Political Science**, vol. 37, no. 2, p. 391–414, 1993.

POWER, Timothy J.; CYR, Jennifer M.. Mapping political legitimacy in Latin America. **International Social Science Journal**, [S.L.], v. 60, n. 196, p. 253-272, jun. 2009. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-2451.2010.01718.x>.

RATTO, María Celeste. ¿La economía importa? Explorando las pautas de comportamiento electoral en los países latino-americanos, 2000. **Revista Ciencias Jurídicas y Sociales**, Local, v. 22, n. 4, p. 1-41, out./2007.

RATTO, María Celeste.. Accountability y voto económico en América Latina: Un estudio de las pautas de comportamiento electoral entre 1996 y 2004. **Revista Mexicana de Análisis Político y Administración Pública**. v. 3, mai/2013.

REMMER, Karen L.. **Elections and Economics in Contemporary Latin America**. En Carol Wise y Riordan Roett (eds.), *Post-Reform Politics in Latin America: Competition, Transition, Collapse*. Washington D.C.: Brookings Institution, p. 31-55.

ROBERTS, Kenneth M.. Latin America's Populist Revival. **Sais Review Of International Affairs**, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 3-15, 2007. Project Muse. <http://dx.doi.org/10.1353/sais.2007.0018>.

ROSENSTONE, Steven J. "Economic Adversity and Voter Turnout." **American Journal of Political Science**, vol. 26, no. 1, p. 25–46, 1982.

SAMUELS, D.. Presidentialism and Accountability for the Economy in Comparative Perspective. **American Political Science Review**, v. 3 n. 98, 425-436, 2004.

SINGER, Mathew M.. Economic Voting in an Era of (Non)Crisis: Economic Voting in Latin America 1982-2010". **Comparative Politics**, 45: 169-185, 2013.

SINGER, Matthew M.. Conditional Accountability for the Economy, Insecurity, and Corruption Across Latin American Party Systems. **Latin American Politics and Society**, p. 1-27, 2020.

SINGER, Mathew M, CARLIN, Ryan E. Context Counts: The Election Cycle, Development, and the Nature of Economic Voting. **The Journal of Politics**, v. 75, v. 3, p. 730–742, Jul/2013.

SCHEDLER, Andreas. Anti-Political-Establishment Parties. **Party Politics**, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 291-312, jul. 1996. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1354068896002003001>.

STRANDBERG, Kim. Online campaigning: an opening for the outsiders? an analysis of finnish parliamentary candidates' websites in the 2003 election campaign. **New Media & Society**, [S.L.], v. 11, n. 5, p. 835-854, 21 jul. 2009. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1461444809105355>.

TOKMAN, V. E.. The informal economy, insecurity and social cohesion in Latin America. **International Labour Review**, v. 146, n. 1-2, p. 81–107, 2007.

VALDINI, Melody E. ,LEWIS-BECK Michael S. Economic Voting in Latin America: Rules and Responsibility. **American Journal of Political Science**, p. 1–14, 2018.

VEIGA, Luciana Fernandes; ROSS, Steven Dutt. Os determinantes da avaliação da economia na eleição presidencial brasileira em 2014. **Opinião Pública**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 524-549, dez./2016.

VEIGA, Luciana Fernandes; GIMENES, Éder Rodrigo e RIBEIRO, Ednaldo Aparecido. **O Voto Econômico Em Democracias Recentes: Determinantes Do Comportamento Eleitoral Na América Latina**. In. Comportamento Político e Opinião Pública. 2018.

WEYLAND, Kurt. Neoliberal Populism in Latin America and Eastern Europe. **Comparative Politics**, [S.L.], v. 31, n. 4, p. 379, jul. 1999. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/422236>.

WEYLAND, Kurt. Clarifying a Contested Concept: populism in the study of latin american politics. **Comparative Politics**, [S.L.], v. 34, n. 1, p. 1, out. 2001. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/422412>.

ZUCCO, Cesar and POWER, Timothy J.. Bolsa Família And The Shift In Lula's Electoral Base, 2002-2006: A Reply to Bohn. **Latin American Research Review**: v. 48, v. 2, 2013.

Anexo 1 - Sites dos partidos que foram analisados

Nome do partido	Site	País
Acción de Desarrollo Nacional	http://adn.com.gt/	Guatemala
Acción Popular	https://accionpopular.com.pe/	Peru
Alianza por el Gran Cambio	https://ppk.pe/alianza-por-el-gran-cambio	Peru
Alianza Republicana Nacionalista	https://arena.org.sv/	El Salvador
Alianza Solidaridad Nacional	http://solidaridadnacional.pe	Peru
Alianza Verde	https://www.alianzaverde.org.co/index.php	
Asociación Nacional Republicana - Partido Colorado	https://www.anr.org.py/	Paraguay
Avanzada Progresista	http://www.avanzadaprogresista.org/web/	Venezuela
Cabildo Abierto	https://cabildoabierto.uy/	Uruguay
Centro Democrático – Mano firme, corazón grande	https://www.centrodemocratico.com/	Colombia
Chile Vamos	https://www.chilevamos.cl	Chile
Colombia Humana	https://colombiahumana.co/	Colombia
Compromiso, Renovación y Orden	http://creo.org.gt/	Guatemala
Comunidad Ciudadana	https://comunidadciudadanabo.com/	Bolivia
El Frente Amplio por Justicia, Vida y Libertad	https://www.frenteamplioperu.pe	Peru
Encuentro Progresista-Frente Amplio	https://www.frenteamplio.uy/	Uruguay
Es Possible	https://www.frenteessposible.com	
Frente Amplio	https://www.frente-amplio.cl	Chile
Frente de Convergencia Nacional	https://www.fcnacion.com	Guatemala
Frente de Unidad Nacional	http://www.unidad-nacional.com/	Bolivia
Frente Farabundo Marti para la Liberacion	http://fmln.org.sv/	El Salvador
Frente Sandinista de Liberación Nacional	http://www.lavozdelsandinismo.com/	Nicaragua
Fuerza	http://www.fuerza.org.gt/	Guatemala
Fuerza 2010	https://www.fuerza2011.com/	Peru
Gran Alianza por la Unidad Nacional	http://gana.org.sv/	El Salvador
Izquierda Democrática	http://izquierdademocratica.com//	Equador
Libertad y Refundación	https://www.libre.hn/	Honduras
Mejor Vargas Lleras	http://www.partidocambioradical.org/mejor-vargas-lleras/	Colombia
Movimiento al Socialismo	https://www.diputados.bo/bancada/mas-movimiento-al-socialismo	Bolivia
Movimiento Compromiso Ciudadano	https://compromisociudadano.com/	Colombia
Movimiento Creando Oportunidades	https://creo.com.ec/	Equador
Movimiento Nacional Conservador	https://www.partidoconservador.com/	Colombia
Movimiento para la Liberación de los Pueblos	https://www.congreso.gob.gt/perfil_bloques/33/2022#gsc.tab=0	Guatemala
Movimiento político Winaq	http://www.winaqgt.org/	Guatemala
Movimiento Regeneración Nacional	https://morenasonora.org/	México
Nueva Mayoría	https://www.nuevamayoria.c	Chile

Opción Verde	https://alianzaverde.org.co/index.php	Colombia
Partido Acción Ciudadana	https://pac.cr/	Costa Rica
Partido Accion Nacional	https://www.pan.org.mx/	México
Partido Anticorrupción	http://www.nuevopac.hn/	Hoduras
Partido Cambio Democrático	https://cambiodemocratico.org.pa/	Panamá
Partido Cambio Radical	http://www.partidocambioradical.org/	Colômbia
Partido Colorado	https://partidocolorado.uy/	Uruguay
Partido Conservador Colombiano	https://www.partidoconservador.com/	Colômbia
Partido Conservador Nicaragüense	http://pconservador.org/	Nicaragua
Partido da Social Democracia Brasileira	https://www.psd.org.br/	Brasil
Partido de Avanzada Nacional	http://www.pan-gt.com/	Guatemala
Partido de Innovación y Unidad	http://www.pinusd.hn/	Honduras
Partido de Innovación y Unidad Social Demócrata	http://www.pinusd.hn/	Honduras
Partido de la Revolucion Democrática	https://www.prd.org.mx/	México
Partido de Unidad Social Cristiana	http://www.unidad.cr/un/	Costa Rica
Partido Democrático Trabalhista	https://www.pdt.org.br/	Brasil
Partido Demócrata Cristiano	https://pdcbolivia.com/	Bolivia
Partido Demócrata Cristiano de Chile	https://www.pdc.cl/	Chile
Partido dos Trabalhadores	https://pt.org.br/	Brasil
Partido Frente Amplio	https://www.frenteampio.org/	Costa Rica
Partido Humanista	https://www.partidohumanistadeguatemala.com/	Honduras
Partido Integración Nacional	https://www.pincr.org/	Costa Rica
Partido Justicialista	https://www.pj.org.ar/	Argentina
Partido Liberación Nacional	https://www.plncr.org/	Costa Rica
Partido Liberal Constitucionalista	https://www.cse.gob.ni/es/partidos-politicos/partidos/plc	Nicaragua
Partido Liberal de Honduras	https://www.partidoliberal.hn/	Honduras
Partido Liberal Independiente	http://plnicaragua.net/	Nicaragua
Partido Liberal Radical Auténtico	https://www.plra.org.py/login.php	Paraguay
Partido Movimiento Libertario	https://movimientolibertario.cr/	Costa Rica
Partido Nacional	http://www.partidonacional.org.uy/	Uruguay
Partido Nacional de Honduras	http://www.partidonacional.hn/	Hoduras
Partido Panamenista	https://www.panamenistas.org/	Panamá
Partido Patriota	https://www.partidopatriota.com	
Partido Progresista	https://www.progresistas.cl/	Chile
Partido Restauración Nacional	https://restauracion.cr/	Costa Rica
Partido Revolucionario Democrático	https://prdespanama.com/	Panamá
Partido Revolucionario Institucional	https://pri.org.mx/ElPartidoDeMexico/	México
Partido Social Cristiano	http://la6.org/	Equador
Partido Social de la Unidad Nacional	https://www.partidodelau.com/	Colômbia
Partido Social Liberal	https://psl.org.br/	Brasil
Partido Socialista	http://www.psu.org.ve/	Venezuela
Partido Socialista Brasileiro	https://www.psb40.org.br/	Brasil
Partido Socialista Unido de Venezuela	http://www.psu.org.ve/	Venezuela

Partido Somos Región Colombia	https://partidosomos.co/	Colômbia
Partido Verde	https://pv.org.br/	Brasil
Patria Altiva i Soberana	http://www.movimientoalianzapais.com.ec/	Ecuador
Perú Posible (Alianza)	http://alianzaperuposible.org/web/	Peru
Peruanos Por el Kambio	https://ppk.pe/	Peru
Polo Democrático Alternativo	https://www.polodemocratico.net/	Colômbia
Primero Colombia	http://www.primerojusticia.org.ve/cms/	Venezuela
Propuesta Republicana	https://pro.com.ar/	Argentina
Recrear para el Crecimiento	https://www.argentina.com/?xh1	Argentina
Unidad Nacional	https://www.partidodelau.com/	Colômbia
Unidad Nacional de la Esperanza	http://www.une.com.gt/	Guatemala
Unión Cívica Radical	https://ucr.org.ar/lo-que-somos	Argentina
Unión Demócrata Independiente	https://udi.cl	Chile
Vamos por una Guatemala Diferente	https://vamosguatemala.com/	Guatemala
Visión con Valores	https://www.partidoviva.com.gt/	Guatemala
Frente de Unidad Nacional	http://www.unidad-nacional.com/	Bolivia
Frente Farabundo Marti para la Liberacion	http://fmln.org.sv/	El Salvador
Frente Sandinista de Liberación Nacional	http://www.lavozdelsandinismo.com/	Nicaragua
Fuerza	http://www.fuerza.org.gt/	Guatemala
Fuerza 2010	https://www.fuerza2011.com/	Peru
Gran Alianza por la Unidad Nacional	http://gana.org.sv/	El Salvador
Izquierda Democrática	http://izquierdademocratica.com/	Equador
Liberdad y Refundación	https://www.libre.hn/	Honduras
Mejor Vargas Lleras	http://www.partidocambioradical.org/mejor-vargas-lleras/	Colombia
Movimiento al Socialismo	https://www.diputados.bo/bancada/mas-movimiento-al-socialismo	Bolivia
Movimiento Compromiso Ciudadano	https://compromisociudadano.com/	Colombia
Movimiento Creando Oportunidades	https://creo.com.ec/	Equador
Movimiento Nacional Conservador	https://www.partidoconservador.com/	Colombia
Movimiento para la Liberación de los Pueblos	https://www.congreso.gob.gt/perfil_bloques/33/2022#gsc.tab=0	Guatemala
Movimiento político Winaq	http://www.winaqgt.org/	Guatemala
Movimiento Regeneración Nacional	https://morenasonora.org/	México
Nueva Mayoría	https://www.nuevamayoria.c	Chile
Opción Verde	https://alianzaverde.org.co/index.php	Colombia
Partido Acción Ciudadana	https://pac.cr/	Costa Rica
Partido Accion Nacional	https://www.pan.org.mx/	México
Partido Anticorrupción	http://www.nuevopac.hn/	Hoduras
Partido Cambio Democrático	https://cambiodemocratico.org.pa/	Panamá
Partido Cambio Radical	http://www.partidocambioradical.org/	Colômbia
Partido Colorado	https://partidocolorado.uy/	Uruguay
Partido Conservador Colombiano	https://www.partidoconservador.com/	Colômbia
Partido Conservador Nicaragüense	http://pconservador.org/	Nicaragua
Partido da Social Democracia Brasileira	https://www.psdb.org.br/	Brasil

Partido de Avanzada Nacional	http://www.pan-gt.com/	Guatemala
Partido de Innovación y Unidad	http://www.pinusd.hn/	Honduras
Partido de Innovación y Unidad Social Demócrata	http://www.pinusd.hn/	Honduras
Partido de la Revolucion Democratica	https://www.prd.org.mx/	México
Partido de Unidad Social Cristiana	http://www.unidad.cr/un/	Costa Rica
Partido Demcratico Trabalhista	https://www.pdt.org.br/	Brasil
Partido Demócrata Cristiano	https://pdcbolivia.com/	Bolivia
Partido Demócrata Cristiano de Chile	https://www.pdc.cl/	Chile
Partido dos Trabalhadores	https://pt.org.br/	Brasil
Partido Frente Amplio	https://www.frenteamplio.org/	Costa Rica
Partido Humanista	https://www.partidohumanistadeguatemala.com/	Honduras
Partido Integración Nacional	https://www.pincr.org/	Costa Rica
Partido Justicialista	https://www.pj.org.ar/	Argentina
Partido Liberación Nacional	https://www.plncr.org/	Costa Rica
Partido Liberal Constitucionalista	https://www.cse.gob.ni/es/partidos-politicos/partidos/plc	Nicaragua
Partido Liberal de Honduras	https://www.partidoliberal.hn/	Honduras
Partido Liberal Independiente	http://plnicaragua.net/	Nicaragua
Partido Liberal Radical Auténtico	https://www.plra.org.py/login.php	Paraguay
Partido Movimiento Libertario	https://movimientolibertario.cr/	Costa Rica
Partido Nacional	http://www.partidonacional.org.uy/	Uruguay
Partido Nacional de Honduras	http://www.partidonacional.hn/	Honduras
Partido Panamenista	https://www.panamenistas.org/	Panamá
Partido Patriota	https://www.partidopatriota.com	
Partido Progresista	https://www.progresistas.cl/	Chile
Partido Restauración Nacional	https://restauracion.cr/	Costa Rica
Partido Revolucionario Democrático	https://prdespanama.com/	Panamá
Partido Revolucionario Institucional	https://pri.org.mx/ElPartidoDeMexico/	México

CAPÍTULO 3: Voto econômico, desapareço pela democracia e *outsiders*: os efeitos da insatisfação com a economia e com a democracia no voto para presidente na América Latina

3.1 Introdução

As vitórias com altas porcentagens de votos de candidatos que não tinham carreiras proeminentes na política e competiam por partidos pequenos e sem competitividade nas disputas pela presidência de latino-americanos foram numerosas nos anos 2010. Esse fenômeno chama atenção porque essas são características associadas a *outsiders* e também porque o contexto em que esses políticos ganham relevância nas disputas presidenciais é parecido com o cenário político e econômico vivido por essas nações em outras experiências com *outsiders*, mais precisamente, com líderes populistas entre as décadas de 30 e 60 e no final do século XX e início dos anos 2000.

As semelhanças do cenário político e econômico das experiências passadas da América-latina com *outsiders* em relação aos anos 2010, se dão a partir das consequências da crise financeira de 2008 e a queda na aprovação em relação às instituições democráticas observadas na região. A primeira ocorre de forma parecida ao ocorrido na era dourada do populismo e também às crises econômicas anos 90, em que havia uma significativa insatisfação com a economia por conta de altas inflacionárias e estagnação econômica (ROBERTS, 2007, RATTO, 2007, SINGER, 2013). Já o segundo está relacionado a inabilidade das instituições democráticas de lidarem com os desafios econômicos enfrentados pelos países e pela quebra de expectativas com o regime democrático, o que pode ser visto tanto no final do século XX, quanto nos anos 2010 (DOYLE, 2011; CARRERAS, 2012, BUNKER, 2013; BAQUERO E GONZÁLES 2016; BORGES, 2021).

Logo, a pergunta que esta pesquisa busca responder é: uma relação entre insatisfação com a economia e o descontentamento com as instituições democráticas, aumentaram as chances de os eleitores latino-americanos votarem em candidatos *outsiders* nas eleições dos anos 2010? Para isso, este trabalho buscará, mais especificamente, analisar como a avaliação da economia afeta o voto para presidente na América Latina em eleições presidenciais após a crise de 2008, observando como a insatisfação com a economia também afeta a percepção dos eleitores em relação à democracia, explorando os efeitos do descontentamento com a democracia no voto em candidatos *outsiders*, para assim, compreender como a interação entre

a insatisfação com a economia e descontentamento com a democracia, pode aumentar as chances dos eleitores escolherem candidatos *outsiders*.

3.2 Voto econômico, avaliação da democracia e outsiders

As vitórias em disputas presidenciais latino-americanas de candidatos de oposição ao longo dos anos 2010 foram numerosas e, em alguns casos, colocaram fim aos establishments políticos instituídos pela ascensão de partidos de esquerda durante os anos 90 e começo dos anos 2000, impulsionados por fracassos econômicos das reformas realizadas pelos governos incumbentes nas últimas décadas do século XX (SINGER, 2013) e pela desilusão com as expectativas criadas sobre o regime democrático durante o período de redemocratização (BENTON, 2005; ROBERTS, 2007; CARRERAS, 2012). Em um contexto similar ao ocorrido nos anos 90, às mudanças observadas nas eleições presidenciais latino-americanas nos anos 2010 ocorreram após a crise financeira de 2008 e 2009, que levou diversos governos a adotarem políticas de austeridade fiscal, dividindo o custo da recessão entre a sociedade e gerando descontentamento entre os cidadãos - não só na região da AL, mas também na Europa e América do Norte (FREIDENBERG e CASULLO, 2015). A semelhança com o cenário de insatisfação popular com a situação econômica da nação durante os anos 2010 com o dos anos 90 e 2000, faz desse fenômeno particularmente interessante para a observação do voto econômico entre os eleitores dessa região em diferentes contextos históricos.

Além disso, há uma outra similaridade entre esses dois momentos históricos que, apesar de se manifestarem de forma parecida, podem ocorrer por diferentes razões: a crise de legitimidade das instituições democráticas vivida na região. Em ambos os períodos, estudos apontam uma queda nos índices de aprovação em relação às instituições democráticas (DOYLE, 2011; CARRERAS, 2012, BUNKER, 2013). No que diz respeito ao período dos anos 90 e 2000, esse descontentamento pode estar relacionado, em parte, a uma frustração com as expectativas geradas em relação ao regime democrático, bem como na inabilidade dos governos em realizar políticas econômicas eficientes (BENTON, 2005; ROBERTS 2007). Porém, o cenário dos 2010 ocorre após a consolidação de governos eleitos de acordo com as demandas desse eleitorado, vistos como a solução para os problemas enfrentados na época e que agora assolam mais uma vez essas nações.

Por conta disso, é preciso atentar-se aos tipos de candidatos que foram eleitos durante os anos 90 e 2000, que se apresentaram e foram vistos por grande parte do eleitorado com uma alternativa viável para lidar com as questões políticas e econômicas da época. A

literatura sobre comportamento eleitoral latino-americano (KENNEY, 1998; BARR, 2009, BUNKER, 2013) evidencia que os candidatos e partidos *outsiders* obtiveram um visível sucesso nesse período, em parte devido a insatisfação popular com os partidos que compunham os *establishments* políticos de suas respectivas nações. Os principais casos citados são a vitória do Partido dos Trabalhadores (PT) no Brasil por meio de seu líder, Luiz Inácio “Lula” da Silva, a ascensão de Evo Morales e do Movimento para o Socialismo (MAS) na Bolívia e a chegada do ex militar Hugo Chávez na presidência da Venezuela (Bunker, 2013).

Isso pode ser visto também nas eleições latino-americanas após a crise financeira de 2008, com a eleição de López Obrador (Morena) no México, Nayib Bukele (*Nuevas Ideas*) em El Salvador e Jair Bolsonaro no Brasil (PSL). Em ambos os contextos, houve uma preponderância de candidatos advindo de partidos não competitivos nas eleições presidenciais, tanto por terem sido criados a pouco tempo antes de chegarem à presidência, ou por nunca terem conseguido significativos percentuais de votos nas disputas pela presidência, o que os caracteriza como *outsiders*, segundo a literatura (BARR, 2009; CARRERAS, 2012; BUNKER, 2013).

Logo, tendo em vista que já existe uma considerável literatura sobre *outsiders* em disputas presidenciais latino-americanas no século XX e começo dos anos 2000, que aponta os desafios econômicos e a crise de legitimidade perpassada na região como as principais variáveis explicativas para o sucesso de atores políticos *outsiders* nas eleições para presidente, torna-se necessário compreender quais os fatores que permitiram que mais uma vez esse fenômeno se manifestasse, considerando as semelhanças das condições econômicas e a nova baixa na legitimidade das instituições democráticas na região nos dois contextos, que também pode estar relacionada com a crise econômica, como já mencionado.

Neste sentido, o principal intuito deste trabalho é compreender de forma mais precisa como a percepção dos eleitores latino-americanos sobre a economia e a democracia, em um contexto de crise econômica, se relacionam com seu comportamento nas urnas ao escolherem o candidato para a presidência, em especial, quando essas percepções os levam a votar em políticos *outsiders*. Assim, a pergunta que esta pesquisa busca responder é: uma relação entre insatisfação com a economia e o descontentamento com as instituições democráticas, aumentaram as chances de os eleitores latino-americanos votarem em candidatos *outsiders* nas eleições dos anos 2010?

Portanto, o objetivo central deste trabalho é compreender como a avaliação da economia e da democracia feita pelo eleitor afeta o voto para presidente em nações da

América Latina após a crise financeira mundial de 2008, analisando se há um aumento nas performances de candidatos *outsiders* nas disputas eleitorais nesse período devido a interação entre esses dois fenômenos. Neste sentido, será observado não somente os efeitos do voto econômico, mas também como a insatisfação com a economia potencializa o descontentamento com a democracia, de modo que a relação entre essas variáveis acaba tendo um efeito ainda maior na orientação do voto para presidente, sobretudo no que diz respeito a candidatos *outsiders*.

Neste sentido, a hipótese central desta pesquisa (H1) é de que, tendo em vista a crise econômica mundial de 2008, eleitores de países da América Latina tiveram maiores chances votar em partidos e candidatos *outsiders* nas eleições presidenciais na década posterior ao ano da crise, devido a sua insatisfação com a performance do governo de suas nações em lidar com os desafios impostos pela crise, o que também potencializou descontentamento com as instituições democráticas e com os partidos do *establishment* político, que já existia desde o período após a redemocratização desses países no final do século XX. Uma segunda suposição do trabalho (H2) é a de que os eleitores descontentes com a situação econômica também tiveram maiores chances de estarem insatisfeitos com a democracia. Além disso, acredita-se também que a insatisfação com a democracia por si só aumenta as chances de voto para os *outsiders* (H3) e que uma percepção negativa sobre a situação econômica também aumenta as chances de voto nesses candidatos (H4).

Diferentemente da literatura tradicional sobre o voto econômico, a relação entre economia e voto proposta aqui, é intermediada pelas perspectivas dos eleitores sobre a democracia. Isso não significa que descartamos o efeito direto da economia sobre o voto. Estamos de acordo com a literatura do voto econômico tradicional quanto à punição dos partidos e candidatos incumbentes em cenários de baixa performance econômica do governo. Porém, o foco deste trabalho é voto para candidatos *outsiders*, e não em qualquer oposição. No mecanismo por trás do voto econômico, o voto pode ser um *accountability* democrático - em que os cidadãos usam as eleições para retirar os políticos ruins ou premiar políticos bons, fazendo da economia o principal parâmetro - ou uma forma de maximizar os ganhos e minimizar perdas econômicas e políticas para o eleitor. Já o mecanismo proposto nesta análise, trata a decisão do voto não como uma forma de punir ou evitar a vitória do partido do governo, especificamente, mas sim como uma forma de eleger candidatos que não representem os partidos tradicionais que compõem o *establishment* político. Logo, o direcionamento para candidatos *outsiders* é entendido como uma consequência do

descontentamento com instituições democráticas, em especial, com os partidos, impulsionado pela insatisfação com a economia.

A construção desse mecanismo é derivada tanto análises sobre o cenário políticos e econômico dos anos 90 e 2000 (1996 - SCHEDLER, 1996; KENNEY, 1998; BENTON, 2005), quanto da literatura sobre o contexto econômico e político dos anos 2010 (CARRERAS, 2012; FREIDENBERG E CASULLO, 2015; KARAKAS E MITRA; 2020; HANSEN AND TREUL, 2021), que demonstram que as políticas econômicas, em particular, as de austeridade, utilizadas pelos governos para lidar com a crise financeira, são uma das principais responsáveis por um aumento na insatisfação social com as instituições democráticas, especialmente com os partidos políticos, que se mostravam, em ambos os períodos, inaptos em compreender e representar as demandas sociais no âmbito econômico, resultando em uma abertura para novos atores políticos se apresentarem como uma alternativa a eles.

Na próxima seção discutiremos as principais contribuições teóricas que ajudam a embasar e estruturar este trabalho. Em seguida apresentamos nosso modelo de pesquisa e os dados que serão usados para o desenvolvimento da pesquisa. Na terceira seção é feita a apresentação e discussão dos resultados encontrados. A parte final do trabalho é dedicada a tratar dos principais achados e contribuições da pesquisa para área, expondo algumas adversidades encontradas no seu desenvolvimento e abordando possíveis caminhos a serem trilhados em trabalhos futuros.

3.3 Enquadramento teórico

Os estudos sobre comportamento eleitoral são um importante e amplamente discutida vertente da ciência política que vem analisando como os eleitores direcionam seu voto de acordo com múltiplos fatores, como seu posicionamento ideológico, religião, classe socioeconômica, características demográficas e percepção sobre questões políticas específicas. A relação entre a economia e voto é uma das mais proeminentes do campo, havendo um certo consenso quanto ao impacto das avaliações do eleitor sobre a economia e a atribuição de seu voto, principalmente em disputas presidenciais, constituindo um sistema de recompensa-punição para os governos (VEIGA E ROSS, 2016).

Os primeiros estudos voltados para o voto econômico foram iniciados na segunda metade do século XX (como exemplo: KRAMER, 1971; FIORINA, 1978; STROM E LIPSET, 1984; LEWIS-BECK, 1988; POWELL E WHITTEN, 1993) e usavam macro dados

como o crescimento econômico, níveis de desemprego e inflação como variáveis independentes, e as performances eleitorais dos partidos ou candidatos incumbentes como variável dependente. As pesquisas desse período também se caracterizavam pelo uso de apenas uma unidade de análise, usualmente observando um país. Essa tendência muda com a análise supranacional de Lewis-Beck (1988) sobre os efeitos do voto econômico nas maiores democracias ocidentais, sendo elas a Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Estados Unidos da América.

Uma outra característica da área nesse período é que os estudos se concentravam nas grandes economias do hemisfério norte, como os países da Europa ocidental e da América do Norte (LEWIS-BECK E RATTO, 2013). O conjunto dessas particularidades - uso de variáveis macro, observando um único país dentre as maiores economias do mundo ocidental - limitava os testes de teoria do voto econômico, uma vez que as unidades de análise não eram diversas. Neste sentido, durante os anos da virada do século XX para o XXI, começam a ser produzidas pesquisas em democracias de países em desenvolvimento, tanto por pesquisadores oriundos dessas regiões (ECHEGARAY, 1995; CARREIRÃO, 2002; RATTO, 2007), quanto por autores advindos dos países europeus e da América do Norte (REMMER, 2003; BENTON, 2005; NADEAU et al, 2005).

Já os estudos sobre voto econômico em nações latino-americanas começam em um contexto em que grande parte desses países saíram recentemente de ditaduras militares, constituindo, assim, uma amostra significativamente distinta das longevas democracias ocidentais, que na época já possuíam muitas décadas e até mesmo séculos de existência. Além disso, os estudos que faziam uso de surveys estavam se tornando cada vez mais comuns na área, atribuindo maior precisão ao relacionar as opiniões dos votantes às suas decisões nas urnas. Um exemplo disso na literatura brasileira, é a análise de Carreirão (2002) que investiga as eleições presidenciais brasileiras de 1989 a 1998, usando 4 variáveis explicativas, sendo uma delas a avaliação do desempenho econômico do governo pelo eleitor, que apresentou grande potencial explicativo.

Os achados de Remmer (2003) também apontam para associação positiva entre performance econômica e voto para o incumbente nos países latino-americanos, de tal forma que, não somente os resultados das urnas são influenciados por quão bem ou mal a economia em geral do país está indo, mas também o apoio ao governo em questões políticas mais pragmáticas. Segundo sua pesquisa, no cenário econômico após a década de 80, em que muitos países se encontravam em crises econômicas, com altas inflacionárias e baixas taxas de crescimento econômico, os governos eram avaliados pelos cidadãos mais fortemente pela

efetividade de suas políticas em lidar com esta situação. Conseqüentemente, além de garantir reeleições, boas performances econômicas também possibilitaram reformas constitucionais em países como Peru, Argentina e Brasil (REMMER, 2003).

O mesmo fenômeno pode ser observado na literatura sobre o comportamento político e opinião pública de eleitores latino-americanos em estudos transnacionais com múltiplas unidades de análise. Nessa perspectiva, Ratto (2007), procura fazer uma análise descritiva e exploratória para também medir a relação entre economia e voto na região. Apesar das limitações metodológicas encontradas durante a pesquisa, a autora confirmou boa parte das noções prévias da literatura de voto econômico, concluindo que, nas democracias mais novas, os eleitores também utilizam a economia para fazer o *accountability* dos governos.

Uma outra pesquisa transnacional que contribui para o fortalecimento da percepção econômica como variável explicativa do voto é de Nadeau et al. (2015). Os autores observam aqui uma significativa relação entre a avaliação que os cidadãos fazem sobre a economia e sua atitude nas urnas. Os dados encontrados mostram que indivíduos não apenas avaliam a economia, mas a avaliam a partir de diferentes indicadores para chegar em uma conclusão geral sobre a conjuntura econômica do país, de tal forma que uma avaliação positiva da situação econômica pode aumentar em até 25 pontos percentuais as chances de os eleitores votarem no partido do governo.

Logo, nota-se que, apesar das diferenças estruturais, econômicas, institucionais e históricas existentes entre as democracias mais recentes da América Latina e as democracias antigas e bem estabelecidas da Europa Ocidental e da América do Norte, a literatura sobre o comportamento eleitoral apresentada até aqui, aponta para diversas similaridades na forma em que o voto econômico se manifesta entre esses eleitores, mostrando também o quanto boas performances econômicas aumentam as chances dos governantes obterem a reeleição e de até mesmo conseguir apoio popular para realizar reformas constitucionais (REMMER, 2003). No entanto, como discutido por Ratto (2007), a relação entre economia e voto não é homogênea, sendo assim necessário atentar-se ao contexto para uma avaliação mais precisa do fenômeno na região, especialmente por conta da volatilidade e fragilidade das economias latino-americanas, que, em sua maioria, dependem expressivamente da produção e exportação de commodities.

Neste sentido, Singer (2013), chama atenção para importantes distinções em relação aos indicadores usados pelos cidadãos para avaliar a economia. Em sua análise sobre eleições presidenciais latino-americanas, o autor nota que, em períodos em que há hiperinflação (como as dos anos 80 e 90), a habilidade do governo em lidar com ela é o parâmetro para se medir

sua performance. Um dos argumentos usados por Singer para explicar esse fenômeno é que, além de os eleitores observarem aquilo que mais afeta sua situação econômica pessoal, a atenção dada pela mídia a questões específicas torna a discussão pública sobre elas mais pujante na sociedade. Por conta disso, análises que observam diretamente a opinião dos eleitores sobre a economia são privilegiadas em relação às que observam macro indicadores.

A contribuição de Singer é importante não só para compreender os diferentes parâmetros usados pelos eleitores em contextos econômicos específicos, mas também porque nos direciona para uma questão pertinente, que é a atenção dada à economia durante certos períodos. Um conceito que ajuda a explicar melhor esse ponto é o de *grievance asymmetry*, apresentado por Mueller (1970). Ao observar a variação da aprovação presidencial ao longo do tempo nos Estados Unidos, o autor identifica um mecanismo psicológico no qual as pessoas tendem a valorizar pouco os bons resultados da economia, ao passo que julgam mais fortemente sua deterioração, que chama de *grievance asymmetry*. Além disso, o autor também aponta que o eleitorado apenas se mobiliza em relação à economia quando ela está abaixo ou acima de um limite. Isso significa dizer que o eleitor só leva em consideração a performance econômica do governo quando ela é muito boa ou muito ruim, e que resultados ruins têm um peso maior do que os bons. Ao conectarmos as explicações de Singer em relação a cobertura da mídia de indicadores específicos da economia de acordo com as necessidades sociais do momento, ao conceito de *grievance asymmetry*, podemos supor que, em períodos de crise, há uma maior atenção a economia, e que, portanto, ela é mais importante para os eleitores na hora de decidir em quem vai votar.

Esse conceito também é importante quando consideramos que a avaliação da performance econômica de um país por seus cidadãos não é importante apenas no que diz respeito às atitudes dos cidadãos nas urnas, mas também para outras questões políticas, de modo que há evidências que apontam que más performances econômicas podem abalar não só o governo, mas a percepção dos cidadãos em relação às instituições democráticas (BENTON, 2005). Neste sentido, Singer (2013, 2020) e Benton (2005), observam que a crescente insatisfação com a democracia na América Latina está vinculada à insegurança econômica a que a população está submetida, independentemente da capacidade dos eleitores de responsabilizar o governo ou não. O mesmo é observado no Brasil por Baquero e González (2016), que identificam um crescimento da insatisfação popular com o partido incumbente e com os partidos em geral devido à intensificação da instabilidade econômica do país.

Algo que também influencia a forma como os eleitores latino-americanos lidam com os governantes ou partidos incumbentes durante crises econômicas, são as regras eleitorais de

cada país, que podem variar bastante. Apesar de a maior parte dos países da região contarem com sistemas presidencialistas multipartidários, existem particularidades em suas regras eleitorais que podem incentivar ou inibir a participação de partidos menores nas disputas pela presidência. Segundo Benton (2005), as preocupações eleitorais dos cidadãos interagem de forma estratégica de acordo com o que o jogo eleitoral permite, assim, eles consideram as regras eleitorais juntamente com o histórico de performance econômica dos partidos. Isto posto, cenários com pouca permissividade em relação partidos pequenos, os eleitores podem punir o governo incumbente votando em um partido que representa uma oposição historicamente estabelecida, mesmo que esse tenha tido más performances econômicas no passado. Já em sistemas em que partidos pequenos possuem mais chances em suas candidaturas, os eleitores tendem a rejeitar todos os partidos do *establishment* político vistos como responsáveis pelas adversidades econômicas enfrentadas pelo país e se voltar para candidatos *outsiders*.

A relação dos países latino-americanos com candidatos e partidos *outsiders* é extensa, particularmente por conta do histórico da região com presidentes populistas, tendo em vista que o período de 1930 e 1960 é visto como a era dourada do populismo na região (BUNKER, 2013), tendo presidentes populistas como Getúlio Vargas no Brasil, Lázaro Cárdenas no México e o movimento peronista liderado por Juan Perón na Argentina (WEYLAND, 2001). Segundo Remmer (2012), o fenômeno populista desse período foi causado pela crise de 1929 - ou Grande Depressão -, que se estendeu pela América Latina e pelo mundo nos anos 30. Há também uma experiência semelhante no final do século XX, que a literatura evidencia que a insatisfação popular com os partidos que compunham os *establishments* políticos teve um papel importante no visível sucesso de candidatos e partidos *outsiders* durante esse período (ROBERTS, 2007), que estava associada aos desafios econômicos vividos nos 80, comumente conhecida como a década perdida, devido à estagnação econômica, retração da produção industrial, altas inflacionárias e aumento das desigualdades sociais em toda a América Latina (REMMER, 2012). O autor aponta que essa segunda onda de populistas foi marcada por presidentes de direita que faziam uso de retóricas anti-establishment e combinadas com promessas de políticas de curto prazo para a retomada econômica, levando políticos como Alberto Fujimori (Sí Cumple), no Peru, Carlos Menem (Partido Justicialista), na Argentina e Fernando Collor de Mello (Partido Republicano da Ordem Social), no Brasil, a assumirem a presidência de seus países (REMMER, 2012).

Além dos presidentes populistas de direita, o final do século XX também foi marcado por bons desempenhos eleitorais de partidos e políticos de esquerda, mais notavelmente em

disputas presidenciais na América Latina. Muitos desses partidos eram oriundos de movimentos populares, tornando-se partidos *outsiders* com retóricas anti-sistema e lançando seus líderes como candidatos à presidência de seus países, dando origem ao fenômeno conhecido como Guinada à Esquerda (ROBERTS, 2007). Os principais casos citados são a vitória do Partido dos Trabalhadores (PT) no Brasil por meio de seu líder, Luiz Inácio “Lula” da Silva, a ascensão de Evo Morales e do Movimento para o Socialismo (MAS) na Bolívia e a chegada do ex militar Hugo Chávez na presidência da Venezuela (BUNKER, 2013).

Assim, a literatura apresentada até aqui nos ajuda a compreender o quanto o voto econômico possui um significativo impacto nas percepções dos cidadãos sobre as instituições democráticas e em relação a performance dos governos, resultando também em significativas consequências nas decisões dos eleitores em disputas presidenciais na América Latina. Esse impacto, entretanto, vem acompanhado por vezes por variáveis secundárias, como identificação partidária ou ideológica (ECHEGARAY, 1995; NEZI, 2012; VEIGA E ROSS, 2016), ou mesmo de variáveis condicionadas pelo voto econômico, como é o caso da insatisfação com as instituições democráticas tratadas acima (BENTON, 2005, SINGER, 2013, 2020; BAQUERO E GONZÁLES, 2016). Logo, toda a literatura tratada até aqui evidencia a importância de observar o voto econômico o contexto seja analisado com a devida minuciosidade, para que o desenho da pesquisa incorpore as devidas variáveis explicativas, além da economia.

2.4 Desenho de pesquisa e dados

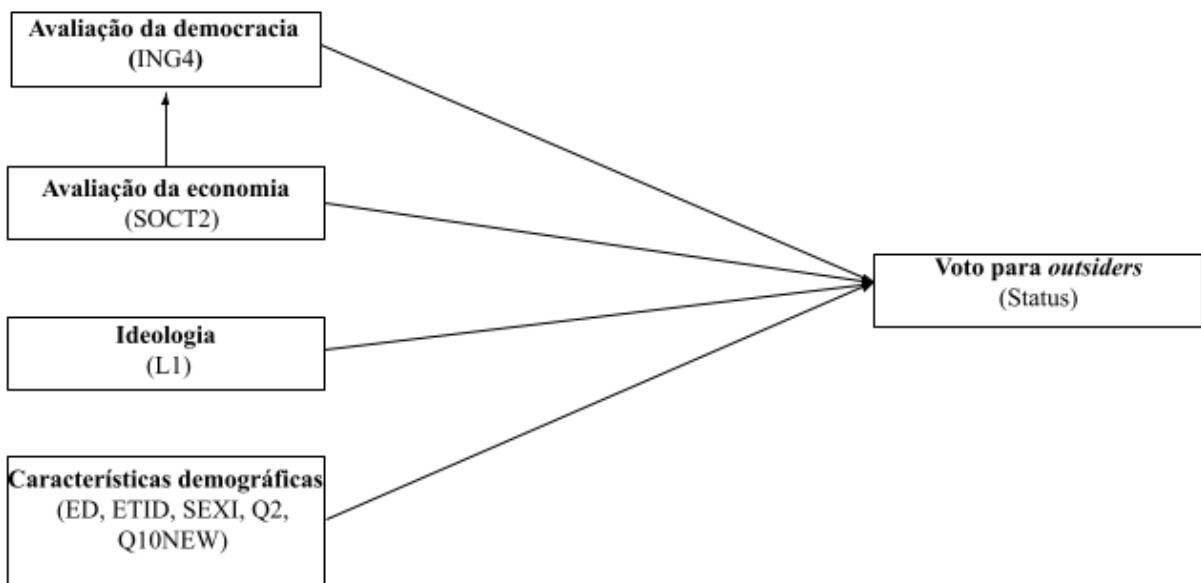
Os modelos tradicionais de análise do voto econômico baseiam-se em uma equação em que voto para o incumbente é explicado por meio de características demográficas, ideologia (esquerda ou direita) e economia (LEWIS-BECK E RATTO, 2013). Como já discutimos, o mecanismo proposto nesta pesquisa, apesar de diferir do mecanismo do voto econômico, não desconsidera os modelos tradicionais desse campo, logo também partimos desses pressupostos e faremos uso de um desenho semelhante, porém, adicionando a avaliação da democracia como uma variável interveniente, que intermedia a relação entre avaliação retrospectiva da economia e o voto. Um outro ponto em que nosso modelo de análise se difere do desenho de Lewis-Beck e Ratto, é na observação da variável econômica, que no modelo dos autores é feita a partir de indicadores econômicos, ao passo que no modelo

que utilizado nesta pesquisa é utilizada a avaliação do eleitor sobre a melhora ou piora da situação da economia do país. Isso faz com que nossa unidade de análise seja o eleitor, e não o país, como é feito no modelo de Lewis-Beck e Ratto. Portanto, em nosso modelo, o voto para candidatos *outsiders* será explicado a partir de características demográficas, ideologia (esquerda ou direita), avaliação da economia e avaliação da democracia.

Essa interação entre a percepção do eleitor sobre a economia e sua avaliação da democracia se dá através de uma relação similar a um mecanismo causal, que seria um mecanismo que quando ativado, gera um resultado de interesse (FALLETI, 2009). Entretanto, o mecanismo aqui observado não é causal, uma vez que não estamos lidando com relações causais, mas sim de interações entre variáveis que aumentam ou não as chances de um evento acontecer. A interação entre essas variáveis é baseada em duas premissas: a primeira é que o descontentamento da população com as instituições existe, em algum nível, entre os cidadãos mesmo sem a interferência direta da insatisfação com a economia; a segunda é que, quando há altos níveis de frustração com o desempenho econômico do país, como ocorre nas crises financeiras, esse descontentamento da população a respeito das instituições democráticas é potencializado, acionando o mecanismo proposto e levando ao resultado de interesse, que é o aumento de chances dos eleitores votarem em candidatos *outsiders*.

Assim, temos um modelo de mediação, na qual nossa variável dependente, no caso o voto para *outsiders*, é explicada através de uma relação entre as duas principais variáveis explicativas, de modo que a avaliação da democracia faz a mediação do efeito da avaliação retrospectiva da economia sobre o voto. No entanto, trata-se de um modelo de mediação parcial, tendo em vista que nossas hipóteses admitem a existência de uma relação direta entre a avaliação da economia e o voto incumbente, mas que essa relação pode ser acentuada pela avaliação da democracia (OTTER et al., 2018). Esse modelo está exposto no Desenho 1. Nele o sentido do efeito das variáveis explicativas representado por setas, evidenciando que todas as variáveis têm um efeito direto sobre a variável dependente, no entanto, a avaliação da economia, além do efeito direto na variável dependente, também tem um efeito sobre a avaliação da democracia.

Desenho 1: Modelo de mediação.



Partiremos achados do primeiro para operacionalizar nossa variável dependente, que são baseadas nos pressupostos estabelecidos por Barr (2009), Bunker (2013) e Carreras (2012) para definir e identificar quem são os candidatos *outsiders*. Esses autores entendem que os *outsiders* na América Latina geralmente são candidatos de terceira via (*third-party candidates*) ou candidatos independentes (sem partido), que disputam o pleito através de partidos fundados recentemente e não competitivos ou partidos de longa data, mas que não tem competitividade. Logo, serão observadas as carreiras dos candidatos de partidos não competitivos a partir dos cargos políticos que ocuparam anteriormente ao pleito pela presidência, especialmente para aqueles que já ocuparam cargos de alta relevância, como ex-presidentes e vice-presidente, governadores, ministros e senadores. Ademais, para classificar quais partidos são competitivos e quais não são competitivos, serão analisadas as porcentagens de voto para o partido ao longo do tempo, de modo que aqueles que não conseguem atingir 1% dos votos nas eleições presidenciais em mais de dois pleitos, serão considerados não competitivos.

Devido ao nosso interesse em utilizar uma amostra estatisticamente relevante, para obtermos resultados igualmente significativos e tendo em vista a grande quantidade de dados necessária para um trabalho que observa populações nacionais, optamos por uma abordagem quantitativa. Além disso, por se tratar de um desenho de pesquisa que analisa os efeitos de variáveis explicativas - percepção sobre a economia e sobre a democracia - em uma única variável dependente - o voto para presidente -, faremos uso de regressões logísticas para criar nossas estimativas.

O banco de dados a ser utilizado é o *Latin American Public Opinion Project* (LAPOP). As ondas selecionadas para compor a análise foram aquelas realizadas em um

menor período após as eleições presidenciais do país, visando manter uma maior fidelidade entre as respostas do entrevistado e suas perspectivas na hora em que votou. Dentro dele, teremos acesso a uma amostra formada por 17 repúblicas presidencialistas da América Latina, com eleições regulares, sendo elas: Brasil, México, Colômbia, Argentina, Peru, Chile, Guatemala, Equador, Bolívia, Honduras, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Venezuela, Paraguai e Uruguai. A Venezuela e a Nicarágua não serão analisadas porque não são consideradas mais democracias eleitorais, tendo em vista que houve uma significativa queda nos índices que avaliam a capacidade de países de elegerem seus representantes, como o V-Dem e o OWID. Logo, os dados obtidos desses países não são capazes de avaliar a real competitividade dos partidos e candidatos em suas eleições, tendo em vista que elas não são livres e nem justas.

Já o banco de dados usado para obter os resultados das eleições foi o PPEG Database, que possui dados de partidos políticos, presidentes, eleições e governos de 72 países ao redor do mundo, criado e divulgado pelo departamento de “Democracia e Democratização” da WZB Berlin Social Science Center. Os únicos dois partidos que não faziam parte do banco foram Argentina e Equador, sendo preciso coletar os dados sobre as eleições nos sites da Câmara Nacional Eleitoral (*Cámara Nacional Electoral*) da Argentina, e no Conselho Nacional Eleitoral (*Consejo Nacional Electoral*) do Equador. Já os dados relacionados às características dos partidos, como ideologia e ano criação, foram coletados nos sites dos próprios partidos, bem como informações sobre as carreiras dos candidatos. Uma tabela com a distinção de candidatos *insiders* e *outsiders* está disponível no Anexo 1. Os sites dos partidos usados como fonte estão descritos no Anexo 2.

Mesmo havendo pequenas mudanças nos questionários do LAPOP ao longo dos anos e entre os países - incluindo algumas variáveis e excluindo outras - as questões que serão utilizadas aqui permanecem praticamente inalteradas durante as ondas observadas (2014, 2016 e 2018). A questão **SOCT2** será usada na operacionalização da variável econômica, tendo em vista que ela indaga, numa escala de 1 a 3, se o respondente acha que a situação econômica do país está melhor (1), igual (2) ou pior (3) que há 12 meses. O sentimento de insatisfação ou satisfação com a economia aqui se dá não por meio da avaliação atual dos eleitores em relação à economia, mas através da sensação de melhora ou piora da economia nos últimos 12 meses. Além disso, os valores de resposta foram redimensionados na operacionalização, de modo que agora igual ou melhor são representados por 0 e pior por 1. Já a avaliação da democracia será medida através da questão **ING4**, que pergunta o quanto a pessoa concorda - numa escala de 1 a 7, sendo 1 discorda muito e 7 concorda muito - que a

democracia tem alguns problemas, mas é melhor do que qualquer outra forma de governo. Para deixar o sentido da avaliação igual ao da percepção da economia, essa variável foi recodificada, invertendo o sentido da sua numeração, de modo que 1 indica concordar muito e 7 discordar muito. Apesar de haver uma questão que trata diretamente da satisfação do eleitor em relação à democracia, optamos por uma em que se possa identificar eleitores com um maior nível de insatisfação, no caso, ao ponto de preferirem outro sistema político à democracia em algumas situações, os diferenciando daqueles que, apesar de terem algumas frustrações em relação ao funcionamento da democracia, ainda mantêm a preferência em relação a qualquer outra forma de governo.

A medição da ideologia será feita por meio do auto posicionamento do entrevistado numa escala de 1 a 10, no qual 1 está mais para esquerda e 10 mais para a direita, feito pela questão **L1**, que pede para o entrevistado se situar nessa escala de acordo com o sentido de “esquerda” e “direita” que ele possui. Já as características demográficas que serão usadas são: escolaridade - medido por meio questão **ED**, que indaga qual foi o último ano ou série da escola que o respondente concluiu com aprovação; renda - operacionalizada através da questão **Q10NEW**, que pergunta quanto é a renda familiar mensal do entrevistado, dando 17 opções de resposta, que vão de sem renda até um determinado valor que muda nos questionários de cada país (no Brasil, por exemplo, o valor é 5600 reais, o que equivalia a pouco mais de 5,5 salários mínimos em 2018); autodeclaração racial - feito pela questão **ETID**, que dá 4 opções para o entrevistado (branco, indígena, preta e pardo), mas que será recodificada em brancos (0) e não brancos (1); sexo - indagado na questão **SEXI**; e idade - referente a questão **Q2**. Todas as questões do questionário do LAPOP estão disponíveis no Anexo 3, na versão aplicada no Brasil na onda de 2018/2019.

A partir disso foram criados 4 modelos de análise: no modelo 1 utiliza-se todas as variáveis propostas para explicar o voto em *outsiders*; já no modelo 2, o voto é explicado apenas pela percepção da democracia e da economia; o modelo 3 faz uso novamente de todas as variáveis explicativas, mas observando o efeito do país na análise, a partir de efeitos aleatórios (*random effects*)¹; por fim, no modelo 4, de novo são usadas apenas as principais variáveis de explicativas, as percepções da democracia e da economia, para compreender o voto em *outsiders*, mas agora também levando em conta o efeito de cada país na análise

¹ A adoção dos efeitos aleatórios foi feita a partir dos resultados de um teste de Hausman, que avalia a consistência de um estimador comparado a um outro estimador alternativo. Neste caso, o teste favoreceu os efeitos aleatórios em relação aos efeitos fixos quanto ao controle por país. O modelo de efeitos aleatórios, considera que o intercepto seja uma variável aleatória e não uma constante, que, nesta análise, significa que as variações entre os países seriam identificadas por oscilações aleatórias em torno de um valor médio constante.

também por meio de efeitos aleatórios. A observação do impacto do país na pesquisa é importante porque, mesmo sendo uma região com diversas similaridades, ainda há significativas diferenças culturais, institucionais, históricas e políticas que podem afetar de formas distintas e com diferentes intensidades os resultados da análise.

3.5 Resultados

A hipótese central desta pesquisa é de que a crise econômica de 2008 potencializou o descontentamento dos cidadãos com a democracia, levando os eleitores de países da América Latina a terem maiores chances de votar em candidatos *outsiders* nas eleições presidenciais na década posterior ao ano da crise. Buscando testar essa hipótese, foram feitas estimativas do impacto de algumas variáveis com potencial explicativo para o voto em *outsiders* baseadas na literatura especializada, sendo as principais a percepção sobre a melhora ou piora da economia e a preferência ou não pela democracia, e as secundárias o auto posicionamento ideológico, sexo, idade, renda e nível de escolarização. Além disso, também foi criado um banco de dados original contendo os candidatos *outsiders* mais competitivos em eleições presidenciais latino-americanas nos anos 2010. A partir disso foram formados 4 modelos de análise, em que os resultados das estimativas podem ser observados na Tabela 1.

O primeiro resultado que precisa ser analisado é a relação entre o descontentamento com a economia e a insatisfação com a democracia, a fim de verificar se realmente existe um efeito de mediação. Primeiramente, foi feito uma estimativa do efeito da avaliação da econômica sobre democracia a partir de uma regressão linear. O coeficiente de logaritmo das chances (log odds) resultante da regressão alcançou 0.260, indicando um significativo efeito positivo da variável econômica sobre a percepção sobre a democracia, de modo que, quanto pior a avaliação retrospectiva da economia, menor é a preferência pela democracia. Além disso, o valor-p foi menor que 0,1%, apontando para uma alta significância estatística na relação entre essas duas variáveis. Já o teste do efeito de mediação dentro do um modelo completo, mais precisamente o 2, que engloba apenas a percepção sobre a economia e sobre a democracia para explicar o voto, também demonstrou uma alta significância estatística em todos os aspectos da mediação, entretanto, a força da mediação não é tão alta de acordo com o efeito de mediação causal médio (ACME), que variou de 0,003 a 0,008 entre os modelos em logaritmo das chances. O efeito direto médio (ADE) da mediação também não foi forte, indo de 0,113 do total para 0,123 entre os modelos. Logo, os resultados dos dois métodos de teste da mediação apontam para a existência e significância estatística da mediação da avaliação

econômica sobre a avaliação da democracia, porém, não há evidências que demonstrem que esse efeito seja forte. Nesse sentido, é possível confirmar a H1, já que podemos rejeitar com segurança a hipótese nula, porém, tendo em mente que o efeito de mediação observado é fraco. Ademais, a H2 pode ser confirmada também, tendo em vista que sabemos que existe um efeito da percepção de piora do voto sobre a avaliação negativa da democracia, mesmo com esse efeito não sendo tão forte.

Conhecendo melhor esse efeito de mediação, é possível avaliar com maior precisão os resultados dos modelos expostos na Tabela 1. O modelo 1 trata de todas variáveis em um único banco, em que cada eleitor é uma unidade de análise e os países são observados como um todo, sem atenção aos efeitos endógenos de cada país. A primeira variável da Tabela 1 é a avaliação negativa da democracia, que possui uma boa significância estatística dentro do modelo, com valor-p menor que 1%, porém, seu coeficiente, apesar de indicar uma relação positiva com a variável dependente, não aponta para um forte efeito sobre ela, porém, oferece evidências para a confirmação da H3. Na segunda variável temos a avaliação retrospectiva negativa da economia, que possui ainda mais significância estatística, com um valor-p menor que 0,1%, de modo que há fortes evidências para descartar-se a hipótese de que essa variável não está relacionada com a variável dependente. Além disso, seu coeficiente demonstra que uma relação também positiva e intensa com a variável dependente, no sentido de que, quanto pior a avaliação da economia pelo eleitor, maiores são as chances de ele voltar em um candidato *outsider*, o que aponta para a confirmação da H4.

Após as principais variáveis explicativas no modelo 1, temos as secundárias. A terceira variável exposta é o auto posicionamento ideológico, que, apesar de ter uma relação negativa com a variável dependente, que poderia indicar alguma preferência de eleitores de esquerda a candidatos *outsiders*, não possui significância estatística nem coeficientes expressivos, de modo que não expressa ter qualquer efeito sobre a variável dependente. O nível de escolaridade também demonstra ter significância estatística no primeiro modelo, porém com um baixo coeficiente, demonstrando não ter um forte efeito sobre o voto. Todavia, pode-se ressaltar que a relação entre escolaridade e a variável dependente é negativa, sinalizando que eleitores com menores anos de educação formal podem possuir mais chances de votar em *outsiders*. O sexo também possui alguma significância estatística, porém com baixos coeficientes, não tendo um efeito significativo sobre o voto. Porém, seu efeito é positivo, o que demonstra que pode haver alguma preferência por *outsiders* pelas mulheres. Etnia, idade e renda não tiveram coeficientes que demonstram ter efeito relevante sobre o voto, apesar de a idade e etnia terem demonstrado significância estatística. Vale ressaltar

também que renda e idade tiveram coeficientes negativos, o que poderia indicar que quem ganha menos e é mais jovem, tem maiores chances de votar em *outsiders*.

Tabela 1: Determinantes do voto para outsiders em eleições presidenciais latino-americanas (2010 - 2019).

Variáveis independentes (código no banco de dados)	Modelo 1 (coeficientes sem efeitos aleatórios para país)	Modelo 2 (coeficientes sem efeitos aleatórios para país)	Modelo 3 (coeficientes com efeitos aleatórios para país)	Modelo 4 (coeficientes com efeitos aleatórios para país)
Avaliação negativa da democracia (dem)	0,040**	0,065***	0,037*	0,031
Percepção de piora na situação econômica do país (econ)	0,518***	0,486***	0,460***	0,422***
Auto posicionamento ideológico (I1)	-0,006		-0,024*	
Escolaridade (ed)	-0,021***		0,024**	
Sexo (sex1)	0,137**		0,045	
Etnia (etid)	0,000***		0,000	
Idade (q2)	-0,010***		-0,004*	
Renda familiar (q10new)	-0,000		0,004	
Intercepto	-0,429**	-0,961***	-4,553**	-4,773**
AIC	11922	12031	6978	6998
n	9502	9502	9502	9502
R2	0,021 (Tjur)	0,009 (Tjur)	0,905 (condicional)	0,910 (condicional)
ACME	0.003***	0.005***	0.004***	0.008***

ADE	0.119***	0.113***	0.123***	0.120***
Efeito total	0.122***	0.118***	0.127***	0.128***

Os coeficientes são o logaritmo das chances (log odds).

Códigos de significância (valor-p): \cdot = $p < .1$, * = $p < .05$, ** = $p < .01$, *** = $p < .001$.

AIC = Critério de Informação de Akaike (Akaike's Information Criteria)

Tratando do modelo 2, agora temos apenas as principais variáveis explicativas desse estudo, que são a avaliação negativa da democracia e da economia. A primeira, assim como no primeiro modelo, demonstra ter bastante significância estatística, alcançando um valor-p menor que 0,1% nesse modelo, possibilitando bastante confiança em confirmar a relação entre ela e a variável dependente. Ademais, as perspectivas negativas sobre a democracia têm uma estimativa de efeito também positiva e um pouco maior que a do primeiro modelo, mas continuando sem apresentar um forte efeito sobre o voto para *outsiders*. Entretanto, novamente temos evidências suficientes para confirmação da H3. Adiante, o modelo 2 apresenta os coeficientes das percepções negativas da economia, que mantém uma alta significância estatística, como no modelo 1. As estimativas do efeito dessa variável sobre a variável dependente, no entanto, sofrem um pequeno enfraquecimento, mas permanecem tendo um forte efeito sobre o voto, permitindo afirmar com alguma segurança que as perspectivas negativas em relação a econômica aumentam as chances de os eleitores votarem em candidatos para presidente, o que aumenta ainda mais as evidências para a confirmação da H4.

O modelo 3 novamente inclui todas as variáveis explicativas selecionadas para a análise, utilizando efeitos aleatórios dos países. Nele, a avaliação negativa da democracia tem um enfraquecimento em todos os coeficientes, perdendo alguma significância estatística e diminuindo sua estimativa de efeito sobre o voto, porém, ainda há evidências de que ela é uma variável que aumenta as chances de voto para *outsiders*, o que nos leva novamente a confirmação da H3. Já as perspectivas negativas em relação a econômica permanecem com significativos coeficientes, com uma alta significância estatística e estimativa de efeito sobre o voto, mesmo essa última tendo sofrido um pequeno decaimento. Logo, mesmo controlando os efeitos por país, as percepções negativas em relação à economia aumentam as chances de os eleitores escolherem candidatos *outsiders*, o que reforça ainda mais a confirmação da H4.

Seguindo para as variáveis explicativas secundárias do modelo 3, novamente não temos coeficientes promissores para a explicação do voto para *outsiders*. Quase todas sofreram um decaimento na significância estatística, com exceção do auto posicionamento

ideológico, que agora possui um valor-p inferior a 5% e tem uma maior estimativa de efeito sobre o voto e, novamente, negativa, indicando que, eleitores de esquerda podem ter maiores chances de votarem em candidatos *outsiders*. Uma outra variável que sofre uma significativa mudança é a escolaridade. Nela há uma inversão do sentido do efeito e um aumento do mesmo em relação ao modelo 1, denotando que, quando se considera os efeitos aleatórios por país, eleitores com mais anos de ensino formal podem ter mais chances de votarem em *outsiders*.

Por fim, no modelo 4, temos novamente apenas as duas principais variáveis explicativas, mas aqui, considerando os efeitos aleatórios por país. A avaliação da democracia teve sua menor estimativa nesse modelo, e não alcançou significância estatística suficiente para rejeitar a hipótese de que não há relação entre ela e o voto. Assim, ao considerarmos os efeitos do país, não se pode afirmar que uma avaliação negativa da democracia aumenta as chances de os eleitores votarem em candidatos *outsiders*, o que significa que a H3 não pode ser confirmada nesse modelo. Já as perspectivas negativas da economia também tiveram um decaimento na estimativa de efeito sobre o voto, a menor entre todos os modelos, entretanto, permaneceram com alta significância estatística e, mesmo com essa queda na estimativa, ainda tem um positivo e significativo efeito sobre a variável dependente. Portanto, mesmo considerando os efeitos aleatórios por país, pode-se afirmar que eleitores que possuem uma percepção negativa da economia têm maiores chances de votar em candidatos *outsiders*, o que, somado aos resultados dos outros modelos, oferece robustas evidências para a confirmação da H4.

Um outro aspecto que chama atenção nos resultados expostos na Tabela 1 são os números do Critério de Informação de Akaike (AIC) de cada modelo. O AIC é uma medida estatística que visa mensurar a qualidade de um modelo estatístico de forma comparativa entre diferentes modelos, através de critérios baseados no máximo da função de verossimilhança (MFV). Nesse sentido, os menores valores de AIC são considerados melhores em relação a qualidade. Assim, dentre os modelos utilizados nesta análise, observa-se que o modelo 3 conquistou o menor valor de AIC entre todos, podendo ser assim considerado o melhor. Além disso, quando dividimos os modelos entre os que têm efeitos aleatórios por país e os que não tem, observamos que o modelo 1 e 3, que incluem todas as variáveis da análise, são os que obtêm os melhores valores de AIC, podendo ser considerados, portanto, os que têm maior qualidade explicativa.

3.6 Conclusão

O presente artigo tinha como objetivo jogar luz sobre os principais fatores explicativos do voto para *outsiders*, relacionando o comportamento dos eleitores nas urnas às suas perspectivas em relação à economia e à democracia. Mesmo tendo sido baseada tanto em estudos que observam os efeitos do voto econômico em eleições presidenciais, quanto em estudos sobre os *outsiders* e sua relação com as crises na democracia, a hipótese de que a crise econômica potencializou o descontentamento com a democracia e que, combinados, esses dois fenômenos aumentaram as chances de voto em *outsiders*, pode ser confirmada. Devido às estimativas apresentadas nos resultados, é possível apenas admitir que essa mediação existe, mas em níveis muito pouco expressivos. O mesmo pode ser dito em relação ao efeito direto da avaliação da democracia sobre o voto para *outsiders*, tendo em vista que ela também se mostrou significativa, porém, pouco expressiva. Neste sentido, a H1, H2 e H3 foram confirmadas, mas com ressalvas, devido à falta de intensidade das relações observadas. A única hipótese que teve evidências suficientes para sua confirmação e também se mostrou importante na explicação do voto para *outsiders*, foi a H4, tendo em vista que a percepção de piora da economia aumentou as chances de voto em *outsiders* de forma expressiva em todos os modelos.

As razões para explicar a falta de evidências concretas da mediação das percepções negativas da economia sobre o descontentamento com a democracia podem ser várias, mas duas são mais claras neste trabalho. A primeira se dá porque não foi possível medir a satisfação com a economia diretamente, tendo em vista que a questão disponibilizada pelo LAPOP mede a percepção de melhora ou piora da economia. Essa medida, apesar de próxima, é diferente da que se pretendia usar, tendo em vista que ao dizer que houve uma piora do estado da economia, não necessariamente significa estar insatisfeito com o estado atual, já que algo pode estar ótimo e ficar apenas bom depois. Essas limitações fazem com que o LAPOP não seja uma fonte de dados ideal para pesquisas que busquem esse tipo de análise com rigor estatístico e teórico, de modo que não aconselhamos o uso dele para futuros estudos por esta razão e também por terem um grande número de não respostas em seu banco.

Ademais, as percepções sobre o estado da economia, sejam elas quais forem, podem ser bem mais voláteis do que o apreço ou desapeço pelo regime democrático, levando em consideração a literatura apresentada aqui descreve uma baixa satisfação com a democracia desde o período da redemocratização. Neste sentido, podemos considerar achados como de Lagos (2000) e Veiga et al. (2018), que apontam que as opiniões negativas dos cidadãos sobre a democracia são bem mais cristalizadas nas sociedades latino-americanas do que prevíamos,

além de poderem estar relacionadas a outras questões, como a idade do eleitor ou seu nível de escolaridade. Lagos (2000) chega a mostrar que, mesmo não manifestando diretamente apoio por ditaduras, os níveis de insatisfação na região são bem mais baixos do que em países europeus, ao ponto de não aumentarem nem em períodos de bonança econômica.

Além dessas limitações técnicas, também houveram dificuldades metodológicas advindas da falta de indicadores precisos para definir quem são os *outsiders* pela literatura especializada, tendo em vista que os trabalhos da área tratam os *outsiders* como uma categoria já sistematizada (BARR, 2009; CARRERAS, 2012; BUNKER, 2013), sem antes o fazer no cerne de suas pesquisas, já que, na prática, *outsiders* ainda são um conceito relativamente abstrato e não um dado construído através de medidas sistemáticas e coerentes. Apesar disso, criou-se parâmetros para a identificação desses candidatos e que, posteriormente, deram origem ao banco de dados original utilizado para moldar a variável de interesse dessa análise.

Por fim, podemos apontar alguns passos para estudos futuros. É importante encontrar uma forma mais precisa de medir a avaliação do eleitor sobre a economia, buscando captar a perspectiva que tinha no momento em que votou. Uma outra alternativa seria medir diretamente a variação da economia através de macro indicadores, como fazem nos modelos clássicos do voto econômico (LEWIS-BECK, 1988; LEWIS-BECK E RATTO, 2013; SINGER; 2013). Outrossim, pode-se também medir a satisfação dos eleitores com partes específicas do sistema democrático, como os partidos políticos, que tem uma ligação direta com o voto para *outsiders*, segundo parte da teoria (BARR, 2009; CARRERAS, 2012). Logo, apesar dessa pesquisa não ter confirmado algumas de suas hipóteses iniciais, seus resultados e os desafios enfrentados em sua realização oferecem importantes pontos de partida para pesquisas sobre quem são os *outsiders* e porque são escolhidos pelos eleitores.

Referências

- BAKER, Andy. Reformas Liberalizantes e Aprovação Presidencial: A Politização dos Debates da Política Econômica no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 45 n. 1, 2002.
- BARR, Robert R.. POPULISTS, OUTSIDERS AND ANTI-ESTABLISHMENT POLITICS. **Sage Publications**, Washington, v. 15, n. 1, p. 29-48, 9 mar. 2013.

BENTON, Allyson Lucinda. Dissatisfied Democrats or Retrospective Voters?: Economic Hardship, Political Institutions, and Voting Behavior in Latin America.” **Comparative Political Studies**, v. 38, n. 4, , p. 417–442, Mai/2005

BORGES, André. The Illusion of Electoral Stability:: from party system erosion to right-wing populism in brazil. **Journal Of Politics In Latin America**, Brasília, v. 00, n. 0, p. 1-26, mar. 2021.

BOHN, Simone R.. Corruption in Latin America: understanding the perception-exposure gap. **Journal Of Politics In Latin America**, [S.L.], v. 4, n. 3, p. 67-95, dez. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1866802x1200400303>.

BUISSERET, Peter; VAN WEELDEN, Richard. Crashing the Party? Elites, Outsiders, and Elections. **American Journal Of Political Science**, [S.L.], v. 64, n. 2, p. 356-370, abr. 2020. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/ajps.12457>.

BUNKER, Kenneth; NAVIA, Patricio. Latin American Political Outsiders, Revisited: the case of marco enríquez- ominami in chile, 2009. **Journal Of Politics In Latin America**, Nova York, v. 2, n. 5, p. 3-35, fev. 2013.

BURDEN, B. C., & Wichowsky, A. (2014). Economic Discontent as a Mobilizer: Unemployment and Voter Turnout. **The Journal of Politics**, 76(4), 887–898.

CAMPELLO, Daniela. **Retrospective Voting and Democratic Accountability**. In: Routledge Handbook Of Brazilian Politics. New York and London: Routledge, 2019.

CAMPELLO, Daniela e ZUCCO, Cesar. **Exogenous shocks and misattribution of responsibility for economic performance**: results from survey experiments. FGV: 2015.

CARRERAS, Miguel. The Rise of Outsiders in Latin America, 1980–2010. **Comparative Political Studies**, [S.L.], v. 45, n. 12, p. 1451-1482, 5 jun. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0010414012445753>.

CARRERAS, Miguel. Outsiders and Executive-Legislative Conflict in Latin America. *Latin American Politics And Society*, [S.L.], v. 56, n. 03, p. 70-92, 2014. **Cambridge University Press (CUP)**. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1548-2456.2014.00241.x>.

CARLIN, Ryan E., e HELLOWIG, Timothy. Policy Regimes and Economic Accountability in Latin America. **Comparative Political Studies**, v. 52, n. 13–14, p. 2032–2060, Nov. 2019.

CARREIRÃO, Yan De Souza. **A decisão do voto nas eleições presidenciais no brasil (1989 a 1998)**: A Importância do voto por avaliação de desempenho. 1 ed. São Paulo: [s.n.], 2000.

CARREIRÃO, Yan, RENNÓ, Lucio. **Presidential Voting: Partisanship, Economy, Ideology**. In: Routledge Handbook Of Brazilian Politics. New York and London: Routledge, 2019.

DOWNS, Anthony. **Uma teoria econômica da democracia**: 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

DOYLE, David. The Legitimacy of Political Institutions. *Comparative Political Studies*, [S.L.], v. 44, n. 11, p. 1447-1473, 17 maio 2011. **SAGE Publications**. <http://dx.doi.org/10.1177/0010414011407469>.

ECHEGARAY, Fabián. Voto econômico ou referendun político? Os determinantes das eleições presidenciais na América Latina - 1982-1994. **Opinião Pública**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 88-109, ago./1995.

FERNANDES, Ivan Filipe de Almeida Lopes; FERNANDES, Gustavo Andrey de Almeida Lopes. A importância do crescimento econômico local na escolha do chefe do Executivo no Brasil. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 4, p. 653-688, Aug. 2017.

FIORINA, Morris P. Economic Retrospective Voting in American National Elections: A Micro-Analysis. **The Journal of Politics**, v. 22, n. 2, p. 426-443, mai./1978.

FREIDENBERG, Flavia; CASULLO, María Esperanza. The Rise of Outsider Politicians in Latin America and Europe. **The Washinton Post**. Washington, p. 1-5. 16 set. 2014. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2014/09/16/the-rise-of-outsider-politicians-in-latin-america-and-europe/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

HANSEN, Eric R.; TREUL, Sarah A.. Inexperienced or anti-establishment? Voter preferences for outsider congressional candidates. **Research & Politics**, [S.L.], v. 8, n. 3, p. 205316802110349, jul. 2021. **SAGE Publications**. <http://dx.doi.org/10.1177/20531680211034958>.

JOHNSON, Gregg B., RYU Sooh-Rhee. **Repudiating or Rewarding Neoliberalism? How Broken Campaign Promises Condition Economic Voting in Latin America**. University of Miami, 2010.

KARAKAS, Leyla D.; MITRA, Devashish. Inequality, redistribution and the rise of outsider candidates. **Games And Economic Behavior**, [S.L.], v. 124, p. 1-16, nov. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.geb.2020.07.012>.

KENNEY, Charles D.. Outsider and Anti-Party Politicians in Power. **Party Politics**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 57-75, jan. 1998. **SAGE Publications**. <http://dx.doi.org/10.1177/1354068898004001003>.

KRAMER, Gerald H.. Short-Term Fluctuations in U.S. Voting Behavior, 1896-1964. **American Political Science Review**, 131-43, 1971.

LAGOS, Marta. A Máscara Sorridente da América Latina. **Opinião Pública**, Campinas, v. 6, n. 1, p. 1-16, abr./2000.

LEWIS-BECK, M.S. Economics and the American voter: Past, present, future. **Political Behavior**, v. 10, 5-21, 1988.

LEWIS-BECK, Michael S.; RATTO, Maria Celeste. Economic voting in Latin America: A general model. **Electoral Studies**, Buenos Aires, v. 32, n. 1, p. 489-493, mai./2013.

LINZ, Juan J.. The Failure of Presidential Democracy. **Journal Of Latin American Studies**, Baltimor, v. 27, n. 3, p. 740-741, out. 1995.

NADEAU, R. et al. Economic Accountability in Low-Income Democracies: The Latin American Voter. **Political Science Journal**, Montreal, v. 35, n. 03, p. 463-488, dez./2015.

NEZI, Roula. Economic voting under the economic crisis: Evidence from Greece, **Electoral Studies**, v.31, n. 3, p. 498-505, 2012.

MAINWARING, Scott. Presidentialism, Multipartism, and Democracy. **Comparative Political Studies**, [S.L.], v. 26, n. 2, p. 198-228, jul. 1993. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0010414093026002003>.

MUELLER, John E. "Presidential Popularity from Truman to Johnson." **The American Political Science Review**, v. 64, n. 1, pp. 18–34, 1970.

OTTER, Thomas, PACHALI, Max, MAYER, Stefan, LANDWEHR, Jan. Causal Inference Using Mediation Analysis or Instrumental Variables - Full Mediation in the Absence of Conditional Independence. **SSRN Electronic Journal**. jan./2018

PEIXOTO, Vitor; RENNÓ, Lucio. Mobilidade social ascendente e voto: as eleições presidenciais de 2010 no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas , v. 17, n. 2, p. 304-332, Nov. /2011.

PEREIRA, Frederico Batista. Voto econômico retrospectivo e sofisticação política na eleição presidencial de 2002. **Revista de Sociologia e Política**: v. 22, n. 50, p. 149-174, jun./2014.

PERES, Paulo, RICCI, Paolo e RENNÓ, Lúcio R. A Variação Da Volatilidade Eleitoral No Brasil: Um teste das explicações políticas, econômicas e sociais. **Latin American Research Review**: v. 46, n. 3, p. 46-68, 2011.

POWELL, G. BINGHAM, e GUY D. WHITTEN. A Cross-National Analysis of Economic Voting: Taking Account of the Political Context. **American Journal of Political Science**, vol. 37, no. 2, p. 391–414, 1993.

POWER, Timothy J.; CYR, Jennifer M.. Mapping political legitimacy in Latin America. **International Social Science Journal**, [S.L.], v. 60, n. 196, p. 253-272, jun. 2009. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-2451.2010.01718.x>.

RATTO, María Celeste. ¿La economía importa? Explorando las pautas de comportamiento electoral en los países latino-americanos, 2000. **Revista Ciencias Jurídicas y Sociales**, Local, v. 22, n. 4, p. 1-41, out./2007.

RATTO, María Celeste.. Accountability y voto económico en América Latina: Un estudio de las pautas de comportamiento electoral entre 1996 y 2004. **Revista Mexicana de Análisis Político y Administración Pública**. v. 3, mai/2013.

REMMER, Karen L.. **Elections and Economics in Contemporary Latin America**. En Carol Wise y Riordan Roett (eds.), *Post-Reform Politics in Latin America: Competition, Transition, Collapse*. Washington D.C.: Brookings Institution, p. 31-55.

ROBERTS, Kenneth M.. Latin America's Populist Revival. **Sais Review Of International Affairs**, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 3-15, 2007. Project Muse. <http://dx.doi.org/10.1353/sais.2007.0018>.

ROSENSTONE, Steven J. “Economic Adversity and Voter Turnout.” **American Journal of Political Science**, vol. 26, no. 1, p. 25–46, 1982.

SAMUELS, D.. Presidentialism and Accountability for the Economy in Comparative Perspective. **American Political Science Review**, v. 3 n. 98, 425-436, 2004.

SINGER, Mathew M.. Economic Voting in an Era of (Non)Crisis: Economic Voting in Latin America 1982-2010”. **Comparative Politics**, 45: 169-185, 2013.

SINGER, Matthew M.. Conditional Accountability for the Economy, Insecurity, and Corruption Across Latin American Party Systems. **Latin American Politics and Society**, p. 1-27, 2020.

SINGER, Mathew M, CARLIN, Ryan E. Context Counts: The Election Cycle, Development, and the Nature of Economic Voting. **The Journal of Politics**, v. 75, v. 3, p. 730–742, Jul/2013.

SCHEDLER, Andreas. Anti-Political-Establishment Parties. **Party Politics**, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 291-312, jul. 1996. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1354068896002003001>.

STRANDBERG, Kim. Online campaigning: an opening for the outsiders? an analysis of finnish parliamentary candidates' websites in the 2003 election campaign. **New Media & Society**, [S.L.], v. 11, n. 5, p. 835-854, 21 jul. 2009. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1461444809105355>.

TOKMAN, V. E.. The informal economy, insecurity and social cohesion in Latin America. **International Labour Review**, v. 146, n. 1-2, p. 81–107, 2007.

VALDINI, Melody E. ,LEWIS-BECK Michael S. Economic Voting in Latin America: Rules and Responsibility. **American Journal of Political Science**, p. 1–14, 2018.

VEIGA, Luciana Fernandes; ROSS, Steven Dutt. Os determinantes da avaliação da economia na eleição presidencial brasileira em 2014. **Opinião Pública**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 524-549, dez./2016.

VEIGA, Luciana Fernandes; GIMENES, Éder Rodrigo e RIBEIRO, Ednaldo Aparecido. **O Voto Econômico Em Democracias Recentes: Determinantes Do Comportamento Eleitoral Na América Latina**. In. Comportamento Político e Opinião Pública. 2018.

WEYLAND, Kurt. Neoliberal Populism in Latin America and Eastern Europe. **Comparative Politics**, [S.L.], v. 31, n. 4, p. 379, jul. 1999. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/422236>.

WEYLAND, Kurt. Clarifying a Contested Concept: populism in the study of latin american politics. **Comparative Politics**, [S.L.], v. 34, n. 1, p. 1, out. 2001. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/422412>.

ZUCCO, Cesar and POWER, Timothy J.. Bolsa Família And The Shift In Lula's Electoral Base, 2002-2006: A Reply to Bohn. **Latin American Research Review**: v. 48, v. 2, 2013.

Anexo 1 - Tabela com candidatos competitivos em disputas presidenciais na América Latina entre 2010 e 2019.

País	Data da eleição	Cadidato	Status	Ideologia	Partido
Argentina	10/23/2011	Fernández de Kirchner, Cristina	insider	center-left	PJ
Argentina	10/23/2011	Binner, Hermes	outsider	left	PS
Argentina	10/23/2011	Alfonsín, Ricardo	insider	center-right	UCR
Argentina	10/23/2011	Rodriguez Saá, Alberto	insider	center-left	EP
Argentina	10/23/2011	Duhalde, Eduardo	insider	centerl-eft	PJ
Argentina	10/25/2015	Macri, Mauricio	outsider	center-right	PRO
Argentina	10/25/2015	Scioli, Daniel	insider	center-left	PJ
Argentina	10/25/2015	Massa, Sergio	outsider	center	FR
Argentina	10/27/2019	Fernández, Alberto	insider	center	PJ
Argentina	10/27/2019	Macri, Mauricio	insider	center-right	PRO
Argentina	10/27/2019	Lavagna, Roberto	outsider	outsider	
Bolivia	10/12/2014	Doria Medina, Samuel J.	insider	center-left	UN
Bolivia	10/12/2014	Quiroga, Jorge	insider	right	PDC
Bolivia	10/12/2014	Morales, Evo	insider	left	MAS
Bolivia	10/20/2019	Chung, Chi Hyun	insider	right	PDC
Bolivia	10/20/2019	Mesa, Carlos	insider	center-left	CC
Bolivia	10/20/2019	Morales, Evo	insider	left	MAS
Brazil	10/03/2010	Serra, José	insider	center-right	PSDB
Brazil	10/03/2010	Silva, Marina	insider	center-left	PV
Brazil	10/03/2010	Vana Roussef, Dilma	insider	center-left	PT
Brazil	10/05/2014	da Cunha, Aécio Neves	insider	center-right	PSDB
Brazil	10/05/2014	da Silva Vaz de Lima, Maria Osmarina Marina	insider	center-left	PSB
Brazil	10/05/2014	Vana Roussef, Dilma	insider	center-left	PT
Brazil	10/07/2018	Gomes, Ciro	insider	center-left	PDT
Brazil	10/07/2018	Bolsonaro, Jair	outsider	right	PSL
Brazil	10/07/2018	Haddad, Fernando	insider	center-left	PT
Chile	11/17/2013	Matthei, Evelyn	insider	right	UDI
Chile	11/17/2013	Enríquez-Ominami, Marco	outsider	center-left	STQCC
Chile	11/17/2013	Bachelet Jeria, Verónica Michelle	insider	center-left	NM
Chile	11/17/2013	Parisi, Franco	outsider	right	
Chile	11/19/2017	Goic, Carolina	insider	right	PDC
Chile	11/19/2017	Enríquez-Ominami, Marco	insider	center-left	PRO
Chile	11/19/2017	Guillier, Alejandro	insider	center-left	NM
Chile	11/19/2017	Piñera, Sebastián	insider	center-right	CV
Chile	11/19/2017	Sánchez, Beatriz	outsider	center-left	FA
Chile	11/19/2017	Kast, José Antonio	outsider	center-right	
Colombia	06/09/2010	Calderón, Juan Manuel Santos	insider	center-left	PU
Colombia	06/09/2010	Lleras, Germán Vargas	insider	center-right	PCR
Colombia	06/09/2010	Sanín, Martha Nohemi	insider	right	PCC
Colombia	06/09/2010	Urrego, Gustavo Francisco Petro	outsider	left	PDA
Colombia	06/09/2010	Sivickas, Aurelijus Antanas	outsider	center-left	OV
Colombia	05/25/2014	Ramírez, Martha Lucía	insider	right	MNC
Colombia	05/25/2014	Zuluaga, Óscar Iván	insider	center-right	CDMFCG
Colombia	05/25/2014	Peñalosa, Enrique	outsider	center-left	AV
Colombia	05/25/2014	Calderón, Juan Manuel Santos	insider	center-right	UN
Colombia	05/25/2014	López, Clara	outsider	left	PDA-UP
Colombia	05/27/2018	Márquez, Iván Duque	insider	center-right	CDMFCG
Colombia	05/27/2018	Petro, Gustavo	outsider	left	MP

Colombia	05/27/2018	Fajardo, Sergio	insider	center	MCC (1999)
Colombia	05/27/2018	Lleras, Germán Vargas	insider	center-right	MVL
Costa Rica	02/07/2010	Chinchilla, Laura Miranda	outsider	center	PLN
Costa Rica	02/07/2010	Fallas, Ottón Solís	insider	center-left	PAC
Costa Rica	02/07/2010	Guevara Guth, Otto	insider	right	PML
Costa Rica	02/02/2014	Araya Monge, Johnny	outsider	center	PLN
Costa Rica	02/02/2014	Piza, Rodolfo	insider	right	PUSC
Costa Rica	02/02/2014	Florez-Estrada, José María Villalta	outsider	left	PFA
Costa Rica	02/02/2014	Solís, Luis Guillermo	insider	center-left	PAC
Costa Rica	02/02/2014	Guevara Guth, Otto	outsider	right	PML
Costa Rica	02/04/2018	Álvarez, Antonio	insider	center	PLN
Costa Rica	02/04/2018	Castro, Juan Diego	insider	right	PIN
Costa Rica	02/04/2018	Piza, Rodolfo	outsider	right	PUSC
Costa Rica	02/04/2018	Ivarado, Fabricio	insider	right	PRN
Costa Rica	02/04/2018	Alvarado, Carlos	insider	center-left	PAC
Guatemala	09/11/2011	Estrada, Mario	outsider	center	UCN
Guatemala	09/11/2011	Molina, Otto Pérez	insider	center-right	PP (2001)
Guatemala	09/11/2011	Baldizón, Manuel	outsider	right	LIDER
Guatemala	09/11/2011	Suger, Eduardo	outsider	center-right	CREO
Guatemala	09/11/2011	Caballeros, Harold	outsider	right	VIVA-EG
Guatemala	09/06/2015	Torres, Sandra	insider	center-left	UNE
Guatemala	09/06/2015	Baldizón, Manuel	outsider	right	LIDER
Guatemala	09/06/2015	Sosa, Lizardo			TODOS
Guatemala	09/06/2015	Morales, Jimmy	outsider	right	FCN
Guatemala	09/06/2015	Ríos, Zury	outsider	right	Viva
Guatemala	09/06/2015	Giammattei, Alejandro	outsider	center	F
Guatemala	06/16/2019	Torres, Sandra	insider	center-left	UNE
Guatemala	06/16/2019	Farchi, Isaac	insider	right	Viva
Guatemala	06/16/2019	Giammattei, Alejandro	outsider	center-right	VAMOS
Guatemala	06/16/2019	Mulet, Edmond	outsider	center-right	PHG
Guatemala	06/16/2019	Villacorta, Manuel	insider	left	WINAQ
Guatemala	06/16/2019	Cabrera, Thelma	outsider	left	MLP
Guatemala	06/16/2019	Arzú, Roberto	insider	right	PAN
Honduras	11/24/2013	Villeda, Mauricio	insider	center	PLH
Honduras	11/24/2013	Hernández, Juan	insider	right	PNH
Honduras	11/24/2013	Nasralla, Salvador	outsider	center	PAC
Honduras	11/24/2013	Castro, Xiomara	outsider	left	LIBRE
Honduras	11/26/2017	Zelaya, Luis Orlando	insider	center	PLH
Honduras	11/26/2017	Hernández, Juan Orlando	insider	right	PNH
Honduras	11/26/2017	Nasralla, Salvador	outsider		LIBRE
Mexico	07/01/2012	Vázquez Mota, Josefina	insider	center-right	PAN
Mexico	07/01/2012	Peña Nieto, Enrique	insider	center-right	PRI
Mexico	07/01/2012	López Obrador, Andrés Manuel	insider	center-left	PRD
Mexico	07/01/2018	Anaya, Ricardo	insider	center-right	PAN
Mexico	07/01/2018	López Obrador, Andrés Manuel	outsider	center-left	MORENA
Mexico	07/01/2018	Meade, José Antonio	insider	center-right	PRI
Mexico	07/01/2018	Calderón, Jaime Rodríguez	outsider		
Nicaragua	11/06/2011	Saavedra, Daniel Ortega	insider	left	FSLN
Nicaragua	11/06/2011	Alemán, Arnoldo	insider	right	PLC
Nicaragua	11/06/2011	Mantilla, Fabio Gadea	outsider	center-right	PLI
Nicaragua	11/06/2016	Ortega, Daniel	insider	left	FSLN
Nicaragua	11/06/2016	Rodríguez, Maximino	insider	right	PLC
Panama	05/04/2014	Navaro, Juan Carlos	insider	center-left	PRD
Panama	05/04/2014	Arías, José Domingo	insider	center-right	PCD
Panama	05/04/2014	Varela, Juan Carlos	insider	right	PP
Panama	05/05/2019	Cortizo, Laurentino	insider	center-left	PRD
Panama	05/05/2019	Roux, Rómulo	insider	center-right	PCD

Panama	05/05/2019	Blandón, José Isabel	insider	right	PP
Panama	05/05/2019	Lombana, Ricardo	outsider		
Peru	04/10/2011	Fujimori, Keiko	outsider	right	Fuerza 2010
Peru	04/10/2011	Castañeda, Luis	insider	center-right	ASN
Peru	04/10/2011	Toledo, Alejandro	insider	center-left	PP
Peru	04/10/2011	Humala Tasso, Ollanta Moisés	outsider	left	GP
Peru	04/10/2011	Kuczynski, Pedro Pablo	insider	center-right	AGC
Peru	04/10/2016	Barnechea, Alfredo	insider	center-right	AP
Peru	04/10/2016	Fujimori, Keiko	outsider	right	FP (2012)
Peru	04/10/2016	Kuczynski, Pedro Pablo	insider	center-right	PPK
Peru	04/10/2016	Mendoza, Verónica	outsider	left	FA
Peru	04/10/2016	García, Alan	insider	center-right	AP (2015)
Paraguay	04/21/2013	Cartes Jara, Horacio Manuel	insider	right	ANR-PC
Paraguay	04/21/2013	Alegre Sasiain, Pedro Efraín	insider	center	PLRA
Paraguay	04/21/2013	Ferreiro Sanabria, Mario Anibal	outsider	center-left	PRF
Paraguay	04/22/2018	Benítez, Mario Abdo	insider	Right	ANR-PC
Paraguay	04/22/2018	Alegre, Efraín	insider	center	PLRA
El Salvador	02/02/2014	Quijano, Norman	insider	center-right	ARENA
El Salvador	02/02/2014	Saca, Antonio	insider	center-right	GANÁ
El Salvador	02/02/2014	Sánchez Céren, Salvador	insider	left	FMLN
El Salvador	02/03/2019	Calleja, Carlos	insider	center-right	ARENA
El Salvador	02/03/2019	Bukele, Nayib	outsider	center-right	GANÁ
El Salvador	02/03/2019	Martínez, Hugo	insider	left	FMLN
Uruguay	10/26/2014	Bordaberry Herrán, Juan Pedro	insider	centro	PC
Uruguay	10/26/2014	Lacalle Pou, Luis Alberto	insider	right	PN
Uruguay	10/26/2014	Vázquez Rosas, Tabaré Ramón	insider	left	EP-FA
Uruguay	10/27/2019	Talvi, Ernesto	insider	centro	PC
Uruguay	10/27/2019	Ríos, Guido Manini	outsider	right	CA
Uruguay	10/27/2019	Lacalle Pou, Luis Alberto	insider	right	PN
Uruguay	10/27/2019	Martínez, Daniel	insider	left	FA
Venezuela	10/07/2012	Chávez, Hugo	insider	left	PSUV
Venezuela	10/07/2012	Radonski, Henrique Capriles	insider	center	PJ
Venezuela	04/14/2013	Maduro, Nicolas	insider	left	PSUV
Venezuela	04/14/2013	Radonski, Henrique Capriles	insider	center	PJ
Venezuela	05/20/2018	Maduro, Nicolas	insider	left	PSUV
Venezuela	05/20/2018	Falcón, Henri	insider	center-left	AP
Venezuela	05/20/2018	Bertucci, Javier	outsider	center	EL CAMBIO
Equador	02/17/2013	Correa, Rafael	insider	left	PAIS
Equador	02/17/2013	Lasso, Guillermo	insider	center-right	CREO
Equador	02/17/2013	Gutiérrez, Lucio	insider	center-right	PSP
Equador	02/19/2017	Moreno, Lenín	insider	left	PAIS
Equador	02/19/2017	Lasso, Guillermo	insider	center-right	CREO
Equador	02/19/2017	Viteri, Cynthia	insider	center-right	PSC
Equador	02/19/2017	Moncayo, Paco	insider	left	ID

4. CONCLUSÃO

Neste trabalho buscou-se apresentar alguns aspectos importantes em relação ao desempenho de candidatos *outsiders* nas eleições presidenciais latino-americanas anos 2010, através de dois artigos que buscavam propor formas de identificar esses candidatos e de compreender quais fatores levaram os eleitores a os escolherem. A partir de diferentes abordagens e com distintas finalidades, ambos fornecem novas perspectivas e possibilidades para a análise desse tipo de candidato.

O primeiro artigo, “Identificando Outsiders na América Latina: um desafio metodológico”, parte de simples objetivo de identificar quais foram os candidatos *outsiders* que disputavam eleições presidenciais na América Latina nos anos 2010, mas percorre um longo caminho apresentando as definições conceituais dos *outsiders*, adentrando diversas discussões teóricas, para em seguida definir parâmetros mensuráveis para a categorização desses políticos. A partir das noções estabelecidas por Barr (2009), Carreras (2012) e Dunker (2013), foram as criadas duas dimensões de avaliação dos candidatos, uma a nível pessoal e outra a nível partidário, que serviram de medidas para diferenciação de *outsiders* e *insiders*. Essas medidas possibilitaram a categorização de 148 candidatos, de modo que 44 foram considerados *outsiders*, representando 30% do total de candidatos.

Nesse artigo observou-se que houve um aumento no número de *outsiders* após 2013, algo que coincide com uma onda de protestos contra o governo em países como Brasil, Argentina e Chile, e com as vitórias de candidatos classificados como *outsiders* nessa análise, como Macri, Bolsonaro, López Obrador e Bukele, ocorrendo precisamente em um período de crise econômica e de insatisfação com o *establishment* político, indo em direção ao postulado por significativa parte da literatura (KENNEY, 1998; CARRERAS, 2012; BOHN, 2012; BUNKER, 2013; SINGER, 2013; KARAKAS, 2020; BORGES, 2021).

O desenvolvimento de técnicas para a avaliação das carreiras e da competitividade dos partidos pelos quais os candidatos correm eleições, possibilitaram a criação de indicadores e, posteriormente, do banco dados que foram utilizados para a formatação da variável de interesse no artigo “Voto econômico, desapareço pela democracia e *outsiders*: os efeitos da insatisfação com a economia e a democracia no voto para presidente na América Latina”. Além disso, os achados do primeiro artigo fortaleceram as hipóteses de que as crises vivenciadas nesse período poderiam ser importantes fatores explicativos para o voto em *outsiders*. Por conta disso, a premissa que se estabelece no segundo artigo é de que a crise

econômica potencializou o descontentamento com a democracia e que, combinados, esses dois fenômenos aumentaram as chances de voto em *outsiders*. Entretanto, apesar de os resultados fornecerem evidências suficientes para confirmar a hipótese de que existe uma mediação entre a percepção sobre a economia e a avaliação da democracia, a relação encontrada não é expressiva o suficiente para influenciar a decisão do voto. O mesmo pode ser dito sobre a influência direta da avaliação da democracia sobre o voto para *outsiders*. Todavia, foi encontrada uma significativa e intensa relação entre a percepção de piora na economia e voto para *outsiders*,

As razões para explicar a falta de evidências mais robustas da mediação das percepções negativas da economia sobre o descontentamento com a democracia podem ser por razões técnicas que dificultaram a análise, relacionadas aos métodos de avaliação do LAPOP e ao seu próprio banco, como a dificuldade em medir a satisfação com a economia diretamente e o grande número de não respostas em seu banco. Além disso, é possível que as percepções sobre o estado da economia possam ser bem mais voláteis do que o apreço ou desapeço pelo regime democrático, levando em consideração a persistência de uma baixa satisfação com a democracia desde o período da redemocratização, ao ponto de não aumentarem nem em períodos de bonança econômica, como advertem Lagos (2000) e Veiga et al. (2018).

Ao descreverem o panorama geral das performances dos *outsiders* nos anos 2010 na América Latina, fornecerem indicadores para classificação deles e testar algumas hipóteses sobre os fatores explicativos para o direcionamento do voto para esses políticos, esse trabalho não só agrega no entendimento sobre esse tipo de político nesse período, mas também abre espaço para o desenvolvimento de diversas pesquisas que tenham como objetivo os analisar. Até mesmo os desafios conceituais, metodológicos e técnicos enfrentados aqui, podem ser ferramentas úteis para os próximos trabalhos a serem realizados com *outsiders*, especialmente porque não só apontam caminhos a serem trilhados, mas também alguns a serem evitados, algo importante na, muitas vezes tortuosa, estrada para o desenvolvimento científico.

Referências

- LAGOS, Marta. A Máscara Sorridente da América Latina. **Opinião Pública**, Campinas, v. 6, n. 1, p. 1-16, abr./2000.
- BARR, Robert R.. POPULISTS, OUTSIDERS AND ANTI-ESTABLISHMENT POLITICS. **Sage Publications**, Washington, v. 15, n. 1, p. 29-48, 9 mar. 2013.

BOHN, Simone R.. Corruption in Latin America: understanding the perception-exposure gap. **Journal Of Politics In Latin America**, [S.L.], v. 4, n. 3, p. 67-95, dez. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1866802x1200400303>.

BORGES, André. The Illusion of Electoral Stability:: from party system erosion to right-wing populism in brazil. **Journal Of Politics In Latin America**, Brasília, v. 00, n. 0, p. 1-26, mar. 2021.

BUNKER, Kenneth; NAVIA, Patricio. Latin American Political Outsiders, Revisited: the case of marco enríquez- ominami in chile, 2009. **Journal Of Politics In Latin America**, Nova York, v. 2, n. 5, p. 3-35, fev. 2013.

CARRERAS, Miguel. The Rise of Outsiders in Latin America, 1980–2010. **Comparative Political Studies**, [S.L.], v. 45, n. 12, p. 1451-1482, 5 jun. 2012. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0010414012445753>.

KARAKAS, Leyla D.; MITRA, Devashish. Inequality, redistribution and the rise of outsider candidates. **Games And Economic Behavior**, [S.L.], v. 124, p. 1-16, nov. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.geb.2020.07.012>.

KENNEY, Charles D.. Outsider and Anti-Party Politicians in Power. **Party Politics**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 57-75, jan. 1998. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1354068898004001003>.

SINGER, Mathew M.. Economic Voting in an Era of (Non)Crisis: Economic Voting in Latin America 1982-2010". **Comparative Politics**, 45: 169-185, 2013.

SINGER, Matthew M.. Conditional Accountability for the Economy, Insecurity, and Corruption Across Latin American Party Systems. **Latin American Politics and Society**, p. 1-27, 2020.